

VICTOR HUGO

o último dia de um condenado



(zero papel)

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O ÚLTIMO DIA DE UM CONDENADO

ROMANCE DE
Victor Hugo

—0—

(zero papel)
EDIÇÕES DIGITAIS
2012

Prefácio

Nas primeiras edições desta obra, publicada então sem nome de autor, havia ao princípio as linhas, que se vão ler:

«Há duas maneiras de explicar a existência deste livro. Ou existiu realmente um maço de papéis amarelados e desiguais, em que se encontraram registados um a um os últimos pensamentos dum miserável: ou então foi um homem, um sonhador ocupado em observar a natureza em proveito da arte, um filósofo, um poeta, que sei eu? De quem esta ideia foi uma fantasia, que o tomou ou antes pela qual se deixou tomar e de que só se pôde desembaraçar lançando-a para um livro.

Destas duas explicações o leitor escolherá a que lhe aprouver.»

Como se vê, na época em que este livro foi publicado, o autor não julgou a propósito dizer então todo o seu pensamento. Preferiu esperar que ele fosse compreendido ou ver se o seria. Foi-o. Hoje pode desmascarar a ideia política, a ideia social, que quis popularizar sob esta inocente e cândida forma literária.

Por isso declara ou antes confessa bem alto que *O último dia de um condenado* não é mais do que uma defesa, direta ou indireta, como quiserem, da abolição da pena de morte. O que ele intentou fazer, o que ele quis que a posteridade visse na sua obra, se ela se ocupar de tão pouca coisa, foi não a defesa especial, sempre fácil e sempre transitória, deste ou daquele criminoso escolhido, de um acusado de eleição; é a defesa geral e permanente de todos os acusados presentes e futuros; é o grande ponto de direito da humanidade alegado e defendido em voz alta diante da sociedade, que é o grande tribunal; é este supremo fim do indeferido, *abhorrescere a sanguine*, posto para sempre na frente de todos os processos crimes; é a sombria e fatal questão, que palpita obscuramente no fundo de todas as causas capitais sob a tríplice

espessura do sofrimento com que o envolve a retórica sangrenta das gentes do rei; é a questão de vida ou de morte, despida, posta a nu, despojada dos ecos sonoros das alcatifas, brutalmente atirada para a luz, e colocada, onde é preciso, que a vejam, onde é preciso que esteja, onde ela está realmente, no seu verdadeiro meio, no seu meio horrível, não no tribunal, mas no cadafalso, não diante do juiz, mas diante do carrasco.

Eis o que ele quis fazer. Se o futuro lhe concedesse um dia a glória de o ter feito, o que ele não ousa esperar, não quereria outra coisa.

Declara pois e repete-o, que ele se ocupa de todos os acusados possíveis, inocentes ou culpados, diante de todos os tribunais, diante de todos os pretórios, júris e justiças. Este livro é dirigido a todos os que julgam. E para que a defesa seja tão ampla, como a causa, ele entendeu — e foi por isso que *O último dia de um condenado* assim foi feito, — afastar do seu assunto o contingente, o acidental, o particular, o especial, o relativo, o modificável, o episódio, a anedota, o caso, o nome próprio e limitar-se — se isto é limitar — a defender a causa de um condenado qualquer, executado num dia qualquer por um qualquer crime.

Feliz é, se sem outro meio, que o seu pensamento, conseguiu fazer sangrar um coração sob o *aes triplex* dum magistrado! Feliz, se encheu de piedade aqueles, que se julgam justos! Feliz, se à força de defrontar o juiz, conseguiu alguma vez encontrar nele um homem.

Há três anos, quando este livro apareceu, algumas pessoas imaginaram que valia a pena contestar a ideia do autor, supondo-a plagiada. Umas supuseram um livro inglês, outras um livro americano. Singular mania de procurar a mil léguas a origem das coisas e de fazer provir das nascentes do Nilo o regato que lhes lava a rua!

Nisto não há livro inglês, nem livro americano, nem livro chinês. O autor buscou a ideia do *Último dia de um condenado*, não num livro, porque não costuma ir procurar as suas ideias tão longe, mas a um sítio, aonde todos a podem ir procurar, onde talvez a já tenham encontrado — quem não imaginou consigo o último dia de um condenado? — muito simplesmente na praça pública, na praça da Grève. Foi lá, que, um dia passando casualmente, ele a tomou, a essa ideia fatal, vivendo num mar de sangue sob os cutelos vermelhos da guilhotina.

Desde então todas as vezes que nas fúnebres quintas-feiras do tribunal, vinha uma em que o grito duma sentença de morte se dava em Paris, todas as vezes que o autor ouvia passar sob as suas janelas esse ruído rouco dos espetadores dirigindo-se à Grève, de todas essas vezes a dolorosa ideia lhe voltava à mente, se apossava dele, lhe enchia o espírito de gendarmes, carrascos e multidão, lhe explicava hora por hora os últimos sofrimentos do miserável agonizante — neste momento confessam-no; agora cortam-lhe o cabelo; atam-lhe as mãos — apossava-se dele, pobre poeta, o desejo de dizer tudo isto à sociedade, que trata dos seus negócios, enquanto esta coisa monstruosa se passa. Esse desejo oprimia-o, empurrava-o, sacudia-o, arrancava-lhe os versos do espírito, se os pretendia fazer, matando-os logo, inutilizava-lhe todos os seus trabalhos, metia-se-lhe de permeio em tudo, dominava-o, obsidiava-o, vencia-o.

Era um suplício, um suplício, que começava com o dia, e que durava, como o do miserável, que estavam torturando nesse momento, até às *quatro horas*. Só então, uma vez a voz sinistra do relógio gritava o *ponens caput expivavit*, o autor respirava e tornava a encontrar alguma liberdade de espírito. Um dia finalmente, foi, parece-lhe, no dia seguinte ao da execução de Ulbach, pôs-se a escrever este livro. Desde então sentiu-se livre. Quando um desses crimes públicos, que se chamam execuções judiciais, era cometido, a sua consciência dizia-lhe que não era solidário com ele; e nunca

sentia na sua fronte essa gota de sangue, que espirrava da Grève sobre a cabeça de todos os membros da comunidade social.

Contudo isso não basta. Lavar as mãos está bem, mas impedir o sangue de correr é melhor.

Por isso ele não conheceu fim mais elevado, mais são e mais augusto do que este: concorrer para a abolição da pena de morte. Por isso é do fundo do coração, que ele adere aos votos e aos esforços dos homens generosos de todas as nações, que trabalham, há muitos anos, para deitar a baixo a árvore patibular, a única árvore, que as revoluções não desenraízam. É com alegria, que por seu turno ele vem, cativo também, dar a sua machadada e tornar maior o golpe, que Beccaria deu, há sessenta anos, na velha forca, há tantos séculos ameaçando a cristandade.

Acabamos de dizer que o cadafalso é o único edifício, que as revoluções não demolem. Com efeito é raro que as revoluções sejam sóbrias de sangue e como vêm para podar e limpar a sociedade, a pena de morte é um dos podões de que mais dificilmente se desapegam.

No entanto confessaremos que, se alguma vez uma revolução nos pareceu digna e capaz de abolir a pena de morte, foi a revolução de julho. Com efeito parece-me que pertencia ao movimento popular mais popular e mais clemente dos tempos modernos riscar a barbara penalidade de Luís XI, Richelieu e Robespierre e inscrever no alto da lei a inviolabilidade da vida humana. 1830 devia bem quebrar o cutelo de 93.

Por um momento o esperámos. Era agosto de 1830 havia no ar tanta generosidade e piedade, um tal espírito de suavidade e civilização pairava nas ruas, sentia-se o coração tão bem pela aproximação dum belo futuro, que nos pareceu, que a pena de morte ia ser abolida do direito, dum golpe, pelo consentimento tácito e unânime, como o resto das coisas más, que nos tinham oprimido.

O povo acabava de fazer um fogo de vista dos andrajos do antigo regímen. Esse era um andrajo sangrento. Julgámo-lo no monte; julgámo-lo queimado como os outros. E durante algumas semanas, confiados e crédulos, nós tivemos fé para o futuro na inviolabilidade da vida, como na inviolabilidade da liberdade.

E com efeito dois meses passados uma tentativa se fez para tornar realidade legal a utopia sublime de César Bonesana. Infelizmente essa tentativa foi desastrada, quase hipócrita e feita com outro interesse, que não o interesse geral.

No mês de outubro de 1830, toda a gente se recorda, alguns dias depois de ter adiado para a ordem do dia a proposta para enterrar Napoleão sob a coluna, a Câmara inteira põe-se a chorar e a bramar. A questão da pena de morte foi posta à luz, mais abaixo diremos em que ocasião; e então pareceu que todas essas entranhas de legisladores tinham sido tomadas por uma súbita e maravilhosa misericórdia. Era ver quem mais falaria, quem mais gemeria e levantaria as mãos ao céu! Um velho procurador geral, encanecido com a toga vermelha, que toda a sua vida comera pão salpicado do sangue das condenações, tomou um ar piedoso e disse que estava indignado com a guilhotina.

Durante dois dias a tribuna não esteve vazia de arengadores chorosos. Foi uma lamentação, uma miriologia, um concerto de salmos lúgubres, um *super flumina Babylonis*, um *Slabat mater dolorosa*, uma grande sinfonia em dó, com coros, executada por toda essa orquestra de oradores, que guarnece os primeiros bancos da câmara e produz tão belos sons nos grandes dias. Um tocou baixo e outro falsete. Nada faltou. A coisa foi o mais patética e o mais piedosa possível. A sessão da noite foi principalmente terna, paternal e comovedora, como um quinto ato de Lachaussée. O bom público, que nada compreendia, tinha lágrimas nos olhos.^[1]

De que se tratava pois? De abolir a pena de morte?

Sim e não.

Eis os factos:

Quatro homens do mundo, quatro homens distintos, que se podem encontrar num salão e com quem talvez se tenha trocado algumas palavras corteses, quatro desses homens tinham tentado, nas altas regiões políticas, um desses golpes ousados, a que Bacon chama *crimes* e a que Maquiavel dá o nome de *tentativas*. Ora crime ou tentativa, a lei, brutal para todos, pune-o com a morte. E os quatro desgraçados ali estavam prisioneiros, cativos da lei, guardados por trezentos ferrenhos republicanos sob as belas ogivas de Vincennes. O que fazer e como fazê-lo? Compreende-se bem que é impossível mandar à Grève, numa carroça, ignobilmente atados com grossas cordas, ombro com ombro com esse funcionário, cujo nome é escusado dizer, quatro homens, como o leitor e eu, quatro *homens do mundo*? Se ainda houvesse uma guilhotina de acaju?

Não há senão que abolir a pena de morte! E a Câmara põe mãos à obra.

No entanto notai, meus senhores, que ainda ontem tratáveis essa abolição como utopia, teoria, sonho, loucura e poesia. Notai que não é a primeira vez que se procura chamar a vossa atenção sobre a carroça, sobre as grossas cordas e sobre a horrível máquina escarlata e que é extraordinário que esse terrível instrumento assim repentinamente vos salte aos olhos!

Ora! Mas não é disto que se trata! Não é por vossa causa, povo, que nós abolimos a pena de morte, mas por nossa causa, deputados, que podemos ser ministros; Nós não queremos que a máquina da guilhotina morda as altas classes. Por isso quebramo-la. Tanto melhor se isto serve para toda a gente, mas só em nós pensámos. Ucalégon arde; apaguemos o fogo. Suprimamos o carrasco, risquemos o código.

E foi assim que um conjunto de egoísmo alterou e desnaturou as mais belas combinações sociais. Foi o veio negro no mármore branco; por toda a parte corre e aparece a todo o momento, imprevisivelmente sob o nível. É uma estátua que se tem de refazer.

Nós, e é escusado dizê-lo aqui, não éramos daqueles que reclamavam as cabeças dos quatro ministros. Uma vez presos esses infelizes, a cólera indignada, que o seu atentado nos inspirara, mudou-se em nós, como em toda a gente, numa profunda piedade. Pensámos nos preconceitos de educação de alguns deles, no cérebro pouco desenvolvido do seu chefe, relapso fanático e obstinado das conspirações de 1804, encanecido antes de tempo na sombra húmida das prisões do estado; nas necessidades fatais da sua posição comum, na impossibilidade de se deterem sobre este pendor rápido em que a própria monarquia se lançara a toda a brida em 8 de agosto de 1829; na influência, muito pouco calculada por nós até então, da pessoa real, sobretudo na dignidade que um deles estendia, como um manto de púrpura, sobre a sua desgraça comum.

Nós fomos daqueles que desejavam bem sinceramente salvar-lhes a vida e que estavam prontos a dedicarem-se a isso. Se por absoluta impossibilidade de o conseguir, o seu cadafalso se levantasse um dia na Grève, nós não duvidamos, — e se isto é uma ilusão, queremos-la conservar, — não duvidamos, que não haveria um levantamento para o deitar abaixo sem que, quem estas linhas escreve, estivesse nesse movimento santo. Porque, é também preciso dizê-lo, nas crises sociais o cadafalso político é o mais abominável, o mais funesto, o mais venenoso e o mais necessário de extirpar de todos os cadafalsos. Esta espécie de guilhotina toma raízes e em pouco tempo brota em todos os pontos do solo.

Em tempo de revolução tomai cautela com a primeira cabeça, que cai. Ela faz abrir o apetite do povo.

Nós estávamos pois de acordo com aqueles, que queriam poupar os quatro ministros e num acordo completo, tanto por razões

sentimentais, como por razões políticas. Unicamente teríamos preferido que a Câmara tivesse escolhido uma outra ocasião para propor a abolição da pena de morte.

Se se tivesse proposto essa ansiada abolição, não a propósito de quatro ministros caídos das Tulherias em Vincennes, mas a propósito do primeiro ladrão de estradas, a propósito dum desses miseráveis, que vós mal olhais, quando passam perto de vós na rua, a quem não falais e de quem evitais instintivamente o roçar infecto, desgraçado que em criança correu de pé descalço pela lama das sarjetas, tiritando no inverno à beira do cais, aquecendo-se ao calor das cozinhas do senhor Véfour, em casa de quem jantais, desenterrando aqui e ali uma côdea de pão dum monte de imundices e limpando-a antes de a comer, esgaravatando todo o dia o regato com um pau para ai encontrar um liard e não tendo outro divertimento a não ser o espetáculo grátis das festas do rei e as execuções na Grève, um outro espetáculo grátis; pobres diabos, que a fome impele ao roubo e o roubo ao resto; filhos deserdados duma sociedade madrasta que a casa de correção toma aos doze anos, a prisão aos dezoito e o cadafalso aos quarenta; infelizes, que com uma escola e uma oficina se poderiam ter tornado bons, morais e úteis e de que vós não sabeis o que fazer, atirando-os, como um fardo inútil, ora para o formigueiro de Toulon, ora para Flamart, cortando-lhes a vida depois de lhes ter roubado a liberdade; se tivesse sido a propósito dum desses homens, que vós tivésseis proposto a abolição da pena de morte, oh! Então, a vossa sessão teria sido na verdade digna, grande, santa, majestosa, venerável.

Depois dos augustos padres de Trento, convidando os heréticos para o concílio em nome das entranhas de Deus, *per viscera Dei*, porque se espera a sua conversão, *quoniam sancta synodus sperat haereticorum conversionem*, jamais assembleia de homens teria apresentado ao mundo espetáculo mais sublime, mais ilustre e mais misericordioso. Ele pertenceu sempre àqueles que são verdadeiramente fortes e verdadeiramente grandes para cuidarem do fraco e do pequeno. Um conselho de brâmanes seria belo

tomando para si a causa do pária. E aqui a causa do pária era a causa do povo. Abolida a pena de morte por sua causa e sem atender a que vós éreis interessados na questão, faríeis mais do que uma obra política, faríeis uma obra social.

Assim nem mesmo fizestes uma obra política, tentando abolir, não para abolir, mas para salvar quatro desgraçados ministros agarrados com as mãos no saco dos golpes de estado!

O que sucedeu? Como vós não éreis sinceros, desconfiou-se. Quando o povo viu, que o queriam enganar, voltou-se contra toda a questão em massa e, coisa notável! Tomou o partido dessa pena de morte, de que contudo só ele suporta o peso. Foi a vossa falta de habilidade, que o levou a isso. Abordando a questão obliquamente e sem franqueza, comprometeram-na por muito tempo. Representaram uma comédia: foram assobiados.

Contudo essa farsa tinha sido tomada a sério por alguns espíritos. Imediatamente depois da famosa sessão tinha sido dado ordem aos procuradores gerais pelo guarda dos selos, um homem honesto, para se suspenderem indefinidamente todas as execuções capitais. Na aparência era um grande passo os adversários da pena de morte respiraram; mas a sua ilusão foi de curta duração.

O processo dos ministros foi levado ao fim. Eu não sei qual foi a sentença. As quatro vidas foram poupadas. Ham foi escolhido como justo meio entre a morte e a liberdade. Uma vez feitos todos estes arranjos, todo o medo se apagou do espírito dos homens de estado e com medo a humanidade caminhou. Não mais se tratou de abolir o suplício capital; e uma vez que já se não tinha necessidade dela, a utopia tornou-se utopia, a teoria, teoria e a poesia, poesia.

E contudo continuava a haver nas prisões alguns desgraçados condenados vulgares, que passeavam pelos prados, havia cinco ou seis meses, respirando o ar; tranquilos pelo futuro, certos de viverem, tomando a suspensão pela vida. Mas esperem.

O carrasco, a dizer a verdade, tivera muito medo. No dia em que ouvira os fazedores de leis falarem em humanidade, filantropia e progresso, julgara-se perdido. Escondera-se o miserável, sumira-se sob a guilhotina, mal disposto com o Sol de julho, como a ave noturna em pleno dia, tratando de se fazer esquecer, tapando os ouvidos e não ousando respirar. Ninguém o via, havia seis meses; não dava sinais de vida. Contudo pouco a pouco ele fora-se tranquilizando nas suas trevas. Pusera-se à escuta para os lados das câmaras e não ouvira pronunciar o seu nome. Já se não ouviam essas grandes palavras sonoras de que ele sentira tanto terror; nenhuns dos comentários declamatórios do *Tratado dos Delitos e das Penas*. Ocupavam-se de coisas diferentes, de algum grave interesse social, dum caminho vicinal, duma subscrição para a Ópera-Cômica ou duma sangria de cem mil francos num orçamento apoplético de quinhentos milhões. Ninguém já pensava no corta-cabeças.

Vendo isso o homem tranquiliza-se, deita a cabeça de fora e põe-se a olhar para todos os lados; dá um passo, depois dois, assim como um qualquer rato de La Fontaine, e atreve-se finalmente a sair de baixo da sua máquina: salta-lhe para cima, arranja-a, restaura-a, pule-a, acaricia-a, fá-la reluzir, põe-se a ajeitar a velha máquina que a ociosidade arruinara; de repente volta-se, agarra ao acaso pelos cabelos na primeira prisão um desses desgraçados, que contavam já com a vida, puxa-o para ele, despe-o, amarra-o, prende-o e eis as execuções, que recomeçam.

Tudo isto é horrível, mas é a verdade.

Sim, houve uma suspensão de seis meses concedida a desgraçados cativos, de quem se agravou inutilmente a pena deste modo, fazendo-os retomar a vida; depois sem *razão*, sem necessidade, sem se saber porquê, por prazer, uma bela manhã revogou-se a suspensão e puseram-se friamente todas essas criaturas em linha. Oh! Meus Deus! Eu pergunto o que é que nos

faziam todos esses homens, se vivessem? Não há em França bastante ar para toda a gente respirar?

Para que um dia um miserável empregado da justiça, a quem isso era indiferente, se tenha levantado da sua cadeira dizendo: — Vamos! Ninguém já pensa na abolição da pena de morte! É tempo de se voltar a guilhotinar! — é preciso que no coração desse homem se tenha passado alguma coisa de bem monstruoso.

De resto, dizemo-lo, jamais as execuções foram acompanhadas de circunstâncias mais atrozes, que depois desta revogação da suspensão de julho; jamais a Grève foi mais revoltante e melhor provou a execração da pena de morte. Este redobramento de horror é o justo castigo dos homens, que puseram o código do sangue em vigor. Que seja a punição de sua obra! É bem feito!

É preciso citar aqui dois ou três exemplos de quanto certas execuções foram espantosas e ímpias. É preciso excitar os nervos das mulheres dos procuradores do rei. Uma mulher é às vezes uma consciência.

No sul, pelo fim do mês de setembro passado, — não temos bem presente o lugar, o dia, nem o nome do condenado, mas, se contestarem o facto, iremos encontrá-los; cremos que foi em Pamiers, — pelo fim de setembro, vieram buscar um homem à prisão, onde estava tranquilamente jogando às cartas; dizem-lhe que é preciso morrer dentro de duas horas, o que o faz tremer, porque havia seis meses que o esqueciam e ele não contava já com a morte: barbeiam-no, cortam-lhe o cabelo, amarram-no e confessam-no; depois metem-no entre quatro soldados e através da multidão levam-no para o lugar da execução. Até aqui nada de mais simples. É sempre assim, que isto se faz.

Chegado ao cadafalso, o carrasco recebe-o do padre, leva-o consigo, amarra-o sobre a báscula, *enfurna-o* e deixa cair o cutelo. O pesado triângulo de ferro solta-se com dificuldade e cai rangendo

nas ranhuras e — eis o horrível, que começa! — entala o homem sem o matar. O homem dá um grito terrível. O carrasco desconcertado, torna a levantar o cutelo e deixa-o de novo cair. O cutelo morde uma segunda vez o pescoço do condenado, mas não o corta. O paciente ulula, a multidão também. O carrasco torna a içar o cutelo, esperando do terceiro golpe. Nada. O terceiro golpe faz jorrar um terceiro regato de sangue da nuca do condenado, mas não faz cair a cabeça.

Abreviemos. O cutelo subiu e caiu cinco vezes, cinco vezes golpeou o condenado, cinco vezes o condenado uivou com o golpe e moveu a cabeça viva pedindo misericórdia! O povo indignado pegou em pedras e na sua justiça começou a lapidar o miserável carrasco. Este fugiu para debaixo da guilhotina e escondeu-se por detrás dos cavalos dos gendarmes. Mas ainda não chegámos ao fim. O supliciado vendo-se sozinho no cadafalso, levantara-se sobre a tábua e em pé, terrível, escorrendo sangue, amparando a cabeça meia cortada, que lhe pendia sobre os ombros, pedia em fracos gritos, que o viessem soltar. A multidão, cheia de piedade, estava prestes a forçar a fila dos gendarmes e vir em auxílio do desgraçado, que cinco vezes sofrera a sua condenação à morte. Foi nesse momento que um ajudante do carrasco, mancebo de vinte anos, subiu ao cadafalso, disse ao paciente para se voltar para o poder soltar e aproveitando a posição do moribundo, que se entregava sem desconfiança, saltou-lhe sobre as costas e pôs-se-lhe a cortar dificilmente o que lhe restava do pescoço com não sei que faca de carnicheiro. Isto fez-se! Isto viu-se! Sim.

Nos termos da lei um juiz devia ter assistido a esta execução. Com um sinal podia deter tudo. O que fazia então no fundo da sua carruagem esse homem, enquanto se massacrava um homem? O que fazia esse punidor de assassinos, enquanto se assassinava em pleno dia, sob os seus olhos, próximo do seu trem, em frente das vidraças da sua portinhola? E o juiz não foi processado! E o carrasco não foi processado! Nenhum tribunal inquiriu desta monstruosa

exterminação de todas as leis sobre a pessoa sagrada duma criatura de Deus!

No século dezassete, na época da barbaria do código penal, no tempo de Richelieu e de Cristóvão Fouquet, quando o senhor de Chalais foi morto diante de Bouffay de Nantes por um soldado desastrado que, em lugar duma espadeirada só, lhe deu trinta e quatro golpes [2] com um cutelo de tanoeiro, isso não pareceu tão regular ao parlamento de Paris; houve um inquérito e um processo, e se Richelieu não foi castigado, nem Cristóvão Fouquet, foi o soldado. Sem dúvida uma injustiça, mas no fundo da qual havia justiça!

Agora nada. A coisa tivera lugar depois de julho, num tempo de suaves costumes e de progresso, um ano depois da célebre lamentação da Câmara sobre a pena de morte. Pois bem! O facto passou completamente despercebido. Os jornais de Paris contaram-no, como uma anedota. Ninguém se inquietou. Unicamente se soube que a guilhotina fora desarranjada de propósito por alguém *que queria prejudicar o executor de altas obras*. Tinha sido um ajudante do carrasco, despedido pelo patrão, que lhe fizera essa partida para se vingar.

Era uma ninharia! Continuemos.

Em Dijon, há três meses, levaram ao suplício uma mulher. — Uma mulher! — Desta vez ainda o cutelo do doutor Guillotin fez mal o seu serviço. A cabeça não ficou completamente cortada. Então os ajudantes do executor agarraram-se-lhe aos pés e apesar dos uivos da mulher e à força de puxões separaram-lhe a cabeça do corpo, arrancando-lha.

Em Paris voltámos ao tempo das execuções secretas. Como se não atrevem já a decapitar na Grève desde julho, como têm medo e são cobardes, eis o que fazem.

Ultimamente pegaram em Bicêtre num homem, um condenado à morte, creio que se chamava Désandrieux; puseram-no numa espécie de cesto com duas rodas, fechado por todos os lados, fechado e cheio de correntes; depois um gendarme à frente e outro atrás, sem ruído e sem acompanhamento, foram depositá-lo na barreira de São Jaques. Chegados lá, eram oito horas da manhã, mal amanhecera, havia já uma guilhotina levantada na ocasião e por público uma dúzia de garotos agrupados à volta dessa máquina inesperada, sobre um monte próximo de pedras. Rapidamente tiraram o homem do cesto e sem lhe darem tempo para respirar, furtiva, sorradeira e vergonhosamente, escamotearam-lhe a cabeça. Isto chama-se um ato público e solene de alta justiça. Infame irrisão!

Como é então que as gentes do rei compreendem a palavra civilização? Onde estamos nós? A justiça resvalando para os estratagemas e para as intrujices! A lei servido-se de expedientes! Monstruoso!

É então uma coisa bem terrível um condenado à morte, para que a sociedade o trate desta forma!

Contudo sejamos justos, a execução não foi completamente secreta. De manhã apregoou-se e vendeu-se pelas ruas de Paris, como de costume, a sentença de morte. Parece que há gente, que vive desta venda. Ouvem? Do crime dum desgraçado, do seu castigo, das suas torturas e da sua agonia, faz-se uma mercadoria, um papel, que se vende por um sou. Pode-se conceber nada de mais abominável, que esse sou, azebrado de sangue? Quem é que os amealha?

Eis factos suficientes, mesmo demais. Tudo isto não é horrível? Que tendes vós para alegar pela pena de morte?

Nós fazemos esta pergunta seriamente; fazemo-la para que nos respondam: fazemo-la aos criminalistas e não aos letrados

palradores. Nós sabemos, que há pessoas que tomam a excelência da pena de morte por tema de paradoxos, como um qualquer outro. Há outras que só gostam dela, porque odeiam este ou aquele dos que a atacam. É para eles uma questão quase-literária, uma questão de pessoas, uma questão de nomes próprios. São os invejosos, que fazem tanta falta aos bons juriconsultos, como aos grandes artistas. Os José Grippa não faltam aos Filangieri, como os Torregiani aos Miguel Ângelo e os Scudéry aos Corneille.

Não é a esses, que nos dirigimos, mas aos homens de lei propriamente ditos, aos dialéticos, aos raciocinadores, àqueles que amam a pena de morte por si própria, pela sua beleza, pela sua graça.

Vejamos, que eles vão apresentar as suas razões.

Os que julgam e condenam, dizem que a pena de morte é necessária. Primeiro, porque é necessário cortar da comunidade social um membro que já a prejudicou e que ainda a podia prejudicar. Se se tratasse só disto, a prisão perpétua bastaria. Para quê então é a morte? Vós objetais, que se pode fugir duma prisão? Guardai-o melhor. Se não confiais na solidez dos varões de ferro, com vos atreveis a ter animais ferozes?

Não é preciso o carrasco, onde o carcereiro basta.

Mas replica-se, é preciso que a sociedade se vingue, que a sociedade castigue. Nem uma, nem outra coisa! Vingarse é atributo do indivíduo, punir é de Deus.

A sociedade está entre os dois. O castigo está acima dela, a vingança abaixo. Nada tão grande e tão pequeno? Ela não deve «punir para se vingar», mas deve *corrigir para melhorar*. Transformai desta maneira a fórmula dos criminalistas, e nós a compreenderemos e lhe daremos a nossa adesão.

Resta a terceira e última razão, a teoria do exemplo. — É preciso dar exemplo! É preciso aterrorizar pelo espetáculo da sorte reservada aos criminosos aqueles que se sentissem tentados a imitá-los! — Eis quase textualmente a eterna frase, de que todos os considerandos dos quinhentos tribunais da França só são variações mais ou menos sonoras.

Pois bem! Nós negamos que aí haja exemplo. Nós negamos que o espetáculo dos suplícios produza o efeito que dele se espera. Longe de edificar o povo, desmoraliza-o e arruína-lhe toda a sensibilidade e portanto toda a virtude. As provas abundam e apagariam o nosso raciocínio, se as quiséssemos citar. No entanto citaremos um facto entre mil, porque é dos mais recentes. No momento em que escrevemos, ele só tem dez dias de acontecido. É do dia 5 de março, último dia de entrudo.

Em São Pol, logo depois da execução dum incendiário, chamado Luís Canno, um grupo de mascarados veio dançar em roda do cadafalso ainda fumegante.

Dai exemplos! A terça-feira gorda rir-vos-á na cara.

Se, apesar da experiência, ainda mantiverdes a vossa rotineira teoria do exemplo, então regressai ao século dezasseis, sede verdadeiramente formidáveis, dai-nos a variedade de suplícios, tornai-vos Farinacci, fazei-vos atormentadores jurados, regressai ao torniquete, às rodas, aos golpeamentos, ao mastro, ao corte das orelhas, ao desconjuntar dos ossos, ao emparedamento; dai-nos em todas as encruzilhadas de Paris, como uma loja mais, aberta no meio das outras, o abominável estendal do carrasco sem cessar coberto de carne fresca. Dai-nos Moufaucon, com os seus dezasseis pilares de pedra, os seus animais deitados, as suas caves, de ossos, os seus potros, as cadeias, os ganchos de esqueletos, e esse céu sempre coberto de corvos e o cheiro a cadáver, que com o vento de nordeste se espalha em longas baforadas por todo o bairro do Templo. Dai-nos na sua permanência e no seu poder esse

gigantesco telheiro do carrasco de Paris. Vamos! Eis o exemplo em grande! Eis a pena de morte bem compreendida! Eis um sistema de suplícios que tem alguma proporção! Eis o que é horrível, mas também terrível!

Ou então fazei como em Inglaterra. Em Inglaterra, país comercial, agarra-se um contrabandista na costa de Dover, enforcam-no *para exemplo*, e *para exemplo* o deixam pendurado no gancho; mas como as intempéries do ar poderiam deteriorar o cadáver, envolvem-no cuidadosamente com um pano pintado de alcatrão para o não terem de renovar constantemente. Oh! Terra de economia! Alcatroar os enforcados!

Isto no entanto tem a sua lógica. É o modo mais humano de compreender a teoria do exemplo.

Mas vós acreditais a sério, que servirá de exemplo, quando degolais miseravelmente um pobre homem no mais deserto recanto dos *boulevards* exteriores? Na Grève, em pleno dia, vá lá, mas na barreira de São Jacques! Mas às oito horas da manhã! Quem é que passa nesse sítio? Quem é que lá vai? Quem é que sabe que se está aí matando um homem? Quem é que se apercebe que aí se está dando um exemplo? Um exemplo para quem? Com certeza para as árvores do *boulevard*.

Não vedes pois que as vossas execuções públicas se fazem às escondidas? Não vedes que vos escondeis? Que tendes medo e vergonha da vossa obra? Que balbuciais ridiculamente o vosso *discite justitiam moniti*? Que no fundo vós estais assustados, interditos, inquietos, pouco seguros de terdes razão, alcançados já pela dúvida geral, cortando cabeças por rotina e sem saber bem o que fazeis? Não sentis no fundo do coração, que perdestes já o sentimento moral e social da missão de sangue, que os vossos predecessores, os velhos parlamentares, executavam com uma consciência tão tranquila? À noite não voltais a cabeça sobre o travesseiro mais vezes, que eles? Outros, antes de vós, ordenaram

execuções capitais, mas eles julgavam-se no direito, no justo, no bem. Jovenel des Ursins julgava-se um juiz; Élie de Thorrette julgava-se um juiz; Laubardemont, La Reynie e Laffemos julgavam-se também juizes! Vós, no vosso foro íntimo, não tendes bem a certeza de não serdes uns assassinos?

Vós deixais a Grève pela barreira de São Jacques, a multidão pelo isolamento, o dia pelo crepúsculo. Não fazeis com firmeza, o que fazeis. Escondei-vos, digo-vos eu!

Todas as razões em favor da pena de morte, ei-las por terra. Eis todos os silogismos dos tribunais reduzidos ao nada. Todas essas sentenças ei-las desfeitas e reduzidas a cinza. O menor vislumbre da lógica desbarata todos os maus raciocínios.

Que os homens do rei não venham pois pedir mais cabeças aos nossos jurados, aos nossos homens, conjurando-os com voz cariciante em nome da sociedade a proteger, da vindicta pública a assegurar, de exemplos a dar. Retórica e mais nada! Uma alfinetada nessas hipérboles e esvaziar-se-ão No fundo dessa adocicada fala, vós só achareis dureza de coração, crueldade, barbarismo, desejo de provar zelo, necessidade de ganhar os honorários. Calai-vos, mandarins! Sob a mão de veludo do juiz sentem-se as garras do carrasco.

É difícil pensar a sangue frio no que é um procurador real do crime. É um homem que ganha a sua vida mandando os outros para o cadafalso. É o fornecedor titular das praças da Grève. De resto é um sujeito, que tem pretensões a estilo e a literato, que é bom falador ou julga sê-lo, que recita no momento preciso um verso latino ou dois antes de chegar à morte, que procura fazer efeito e que interessa o seu amor próprio, ó miséria! Naquilo que é a vida dos outros, que tem os seus modelos próprios, os seus tipos desesperantes a atingir, os seus clássicos, Bellart e, Marchangy, como tal poeta tem Racine e outro Boileau.

Nos debates puxa para o lado da guilhotina; é o seu papel, é o seu estado. O seu libelo é a sua obra literária; engrinalda-o de metáforas, perfuma-o de citações, porque é preciso que na audiência seja belo e agrade às damas. Tem a sua bagagem de lugares comuns ainda desconhecidos na província, as suas elegâncias de dizer, os seus efeitos e as suas delicadezas de escritor. Odeia os termos próprios quase tanto como os nossos poetas trágicos da escola de Delille. Não tenham medo, que ele dê às coisas o seu nome próprio. Ora! As suas ideias, cuja nudez vos revoltaria, são completamente mascaradas com epítetos e adjetivos. Torna Sausson apresentável; envolve numa gaze o cutelo; esfuma a báscula; enrola o pano vermelho numa perífrase. Já nem se sabe o que é. É agradável e decente.

Imaginai-o, de noite, no seu gabinete de trabalho, elaborando com o seu vagar esta arenga que fará levantar um cadafalso dentro de seis semanas? Vede-o suando sangue e água para encaixar a cabeça dum acusado dentro do mais fatal artigo do código? Vede-o enrolar com uma lei mal feita o pescoço dum miserável? Notai como ele se esforça por envolver num misto de tropos e sinédoques dois ou três textos venenosos para exprimir e a custo fazer sair a morte de um homem? Não é verdade que, enquanto ele vai escrevendo sobre a sua mesa, na sombra, tem provavelmente o carrasco enroscado a seus pés e que de tempos a tempos para de escrever para lhe dizer, como o dono ao cão: — Sossega, vais ter o teu osso!

De resto na vida privada, este homem do rei pode ser um homem honesto, bom pai, bom filho, bom marido e bom amigo, como dizem todos os epitáfios do Père-Lachaise.

Esperemos que não venha longe o dia, em que a lei abolirá todas estas funções fúnebres. Só o ar da nossa civilização deve num tempo dado usar a pena de morte.

Por vezes é-se tentado a crer que os defensores da pena de morte não refletiram bem no que aquilo é. Pesai um pouco na

balança de qualquer crime o que seja este direito exorbitante, que a sociedade se arroga, de tirar o que não deu, essa pena, a mais irreparável das penas irreparáveis!

De duas coisas uma: — Ou o homem, que vós matais, é sem família, sem parentes, nem aderentes neste mundo e nesse caso não recebeu nem educação, nem instrução, nem cuidados pelo seu espírito, nem pelo seu coração, e então com que direito matais esse miserável órfão? Por acaso o punis porque a sua infância rastejou pelo solo sem amparo, nem tutor! Imputais-lhe a viva força o isolamento em que o deixaste? Fazeis um crime da sua desgraça! Ninguém lhe ensinou a conhecer o que fazia. Esse homem ignora. A sua falta é do seu destino e não dele. Matais um inocente!

Ou este homem tem uma família; e então julgais que o golpe, com que o degolais, o fere a ele só? Que seu pai, sua mãe e seus filhos não sangrarão também? Não. Matando-o, decapitais toda a família. E ainda aqui matais inocentes!

Desastrada e cega penalidade, que de qualquer forma que se olhe, mata inocentes!

Esse homem, esse culpado, que tem uma família, sequestrai-o. Na sua prisão poderá ainda trabalhar para os seus. Mas como os fará ele viver do fundo do seu túmulo? E pensais sem estremecer no que se tornarão esses rapazitos, essas raparigas a quem tirais o pai, isto é, o pão? Oh! Pobres inocentes!

Nas colónias, quando uma sentença de morte mata um escravo, há mil francos de indemnização para o proprietário do homem. O quê! Vós inutilizais o chefe e não indemnizais a família! Também aqui não tirais um homem àqueles que o possuem? Não está ele nas mesmas condições, se bem que por um título muito mais sagrado, que o escravo em relação ao dono, não é a propriedade de seu pai, o bem de sua mulher e de seus filhos?

Nós já caracterizámos a vossa lei de assassínio. Agora caracterizamo-la de roubo.

Mas ainda mais. Pensastes na alma desse homem? Sabeis em que estado se encontra? Ousais expedi-la assim tão lestamente? Antigamente ao menos alguma fé havia no povo; no momento supremo o sopro religioso, que pairava no ar, podia abrandar o mais cruel; um paciente era ao mesmo tempo um penitente; a religião abria-lhe um novo mundo no momento em que a sociedade lhe fechava outro; a alma era consciência de Deus; o cadafalso nada mais era, que a fronteira do céu.

Agora que esperança pondeis vós sobre o cadafalso, quando a multidão já não crê? Agora que todas as religiões estão atacadas, como esses velhos barcos, que apodrecem nos portos e que talvez outrora tivessem descoberto mundos? Agora que as crianças se riem de Deus? Com que direito lançais para alguma coisa, de que vós próprios duvidais, as almas obscuras dos vossos condenados, essas almas, como as fizeram Voltaire e Pigault-Lebrun? Entregai-lo ao vosso padre da prisão, sem dúvida um excelente velho; mas ele crê e faz crer? Não desempenhará ele, como um encargo, a sua sublime obra? Tomais vós por um padre esse indivíduo que acotovela o carrasco na carroça? Um escritor cheio de alma e de talento disse-o antes de nós: *Foi uma coisa horrível conservar o carrasco depois de ter tirado o confessor!*

Isto não são mais, com certeza, que «razões sentimentais», como dizem alguns desdenhosos, que só veem a lógica na sua cabeça. A nossos olhos são as melhores. Muitas vezes preferimos as razões do sentimento às razões da razão. De resto as duas séries equiparam-se, não o esqueçamos. *O tratado dos Delitos* é baseado no *Espírito das Leis*. Montesquieu originou Beccaria.

A razão é por nós, o sentimento é por nós, a experiência é também por nós. Nos estados modelos, em que a pena de morte foi

abolida, o número dos crimes capitais segue de ano para ano numa baixa progressiva. Pesai isto.

Nós não pedimos no entanto por agora uma brusca e completa abolição da pena de morte, como essa em que tão estouvadamente se metera a Câmara dos Deputados. Nós desejamos pelo contrário todas as tentativas, todas as precauções, todas as experiências da prudência. De resto nós não queremos uma modificação completa da penalidade sob todas as suas formas, de alto a baixo, desde a prisão até ao cutelo e o tempo é um dos ingredientes, que devem entrar numa tal obra para que seja bem feita. Do resto nós contamos desenvolver sobre o assunto o sistema de ideias, que nós julgamos aplicáveis. Mas independentemente das abolições parciais para o caso de moeda falsa, incêndio, roubo qualificado, etc, nós pedimos, que desde já, em todos os crimes capitais, o presidente seja obrigado a pôr ao júri este quesito: *O acusado procedeu por paixão ou por interesse?* e que no caso em que o júri responda: *O acusado procedeu por paixão*, não haja condenação à morte. Isto poupar-nos-ia pelo menos algumas execuções revoltantes. Ulbach e Debacker seriam salvos. Já não se guilhotinaria Otelo.

De resto, ninguém se engane com isto; esta questão da pena de morte todos os dias avança. Antes de pouco tempo a sociedade inteira resolverá como nós.

Que os criminalistas mais teimosos reparem, mas, há um século, que a pena de morte vai diminuindo. Torna-se quase suave. Sinal de decrepitude. Sinal de fraqueza. Sinal de morte próxima. A tortura desapareceu. A roda desapareceu. A força desapareceu. Coisa estranha! A própria guilhotina é um progresso.

O senhor Guillotin era um filantropo.

Sim, a horrível Thémis dentada e voraz de Farinace e de Vouglans, de Delancre e de Isaac Loisel, de Oppède e de Machault, desapareceu. Enfraquece, morre.

Agora é a Grève que a não quer. A Grève reabilita-se. A velha bebedora de sangue portou-se bem em julho. Quer levar agora melhor vida e permanecer digna com a sua última bela ação. Ela que se prostituía a todos os cadafalsos desde três séculos, encheu-se de pudor. Tem vergonha do seu antigo ofício. Quer perder o seu nome vilão. Repudia o carrasco e lava o seu solo.

Agora a pena de morte está já fora de Paris. Ora, digamo-lo assim, sair de Paris é sair da civilização.

Todos os sintomas são por nós. Parece também, que ela se desgosta e se torna carrancuda, essa terrível máquina, ou antes esse monstro feito de madeira e ferro, que foi para Guillotin o que Galateia foi para Pigmaleão. Vistas sob um certo aspeto, as horrorosas execuções, que pormenorizámos antes, são excelentes sinais. A guilhotina hesita. Falha nos seus golpes. Todo o velho aparelho da pena de morte se desconjunta.

A infame máquina abalará de França, temos a certeza, e, se aprouver a Deus, partirá manquejando, porque trataremos de lhe dar rudes golpes.

Que vá pedir hospitalidade a outra gente, a algum povo bárbaro, não à Turquia que se civiliza, não aos selvagens, que a não quereriam; [3] mas que desça ainda alguns degraus da escada da civilização e vá a Espanha ou à Rússia.

O edifício social do passado assentava sobre três colunas: o padre, o rei e o carrasco. Há já muito tempo, que uma voz disse: *Os deuses vão-se!* Ultimamente uma outra voz se elevou gritando: *Os reis vão-se!* É tempo agora que apareça uma terceira voz e grite: *Os carrascos vão-se!*

Assim a antiga sociedade terá caído pedra por pedra; assim a providência terá completado a aniquilação do passado.

Àqueles que lamentaram os deuses, pode-se dizer: Deus fica. Aos que lamentam os reis, pode-se dizer: A pátria fica. Aos que lamentarem o carrasco, nada se lhes dirá.

E a ordem não desaparecerá com o carrasco, acreditem. A cúpula da sociedade futura não desabará por não ter este fecho abominável. A civilização não é mais do que uma série de transformações sucessivas. A que se irá então assistir? à transformação da penalidade. A suave lei de Cristo penetrará enfim no código e brilhará através dele. Olhar-se-á o crime, como uma doença e essa doença terá os seus médicos, que substituirão as vossas prisões. A liberdade e a saúde assemelhar-se-ão. Deitar-se-á o bálsamo, onde se aplicava o ferro e o fogo. Tratar-se-á pela caridade esse mal, que era tratado pela cólera. Será simples e sublime. A cruz substituindo a forca. Eis tudo!

15 de março de 1832.

UMA COMÉDIA

A propósito duma tragédia [4]

PERSONAGENS

- A SENHORA BLINVAL
- O SENHOR
- ERGASTO
- UM POETA ELEGÍACO
- UM FILÓSOFO
- UM SUJEITO GORDO
- UM SUJEITO MAGRO
- SENHORAS
- UM LACAIO.

UM SALÃO

UM POETA ELEGÍACO (*lendo*)

.....
.....

Le lendemain, des pas traversaient la forêt.
Un chien le long du fleuve en aboyant errait
Et quand la bachelette en larmes
Revint s'asseoir, le coeur rempli d'alarmes,
Sur la tant vieille tour de l'antique châtel,
Elle entendit les flots gémir, la triste Isaure.
Mais plus n'entendit la mandore
Du gentil ménestrel![\[5\]](#)

TODO O AUDITÓRIO — Bravo! Encantador! Maravilhoso!

Dão palmas.

A SENHORA DE BLINVAL— Há nesse final um mistério indefinido, que nos traz as lágrimas aos olhos.

O POETA ELEGÍACO (*modestamente*) — A catástrofe está velada.

O SENHOR (*meneando a cabeça*) — *Mandolin, Trovador, é romantismo!*

O POETA ELEGÍACO — Sim, senhor, mas romantismo razoável, verdadeiro romantismo. O que quer? é preciso fazer algumas concessões.

O SENHOR — Concessões! Concessões! É assim, que se perde o gasto. Eu daria todos os versos românticos por esta quadra:

De par le Pinde et par Cythère
Gentil-Bernad est averti

Que l'Art d'Aimer doit samedi
Venir souper chez l'Art de Plaire.[6]

Eis a verdadeira poesia! A *Arte de Amar que ceia no sábado em casa da Arte de Agradar*. Isto sim! Mas hoje é *mandolim, trovador!* Já se não fazem *poesias fugitivas*. Se eu fosse poeta, só fazia *poesias fugitivas*. Mas como não sou!...

O POETA ELEGÍACO — No entanto as elegias...

O SENHOR — Poesias fugitivas, senhor. (*Baixo à senhora de Blinval.*) E depois *castel* não é nada; diz-se *castelo*.

ALGUÉM (*ao poeta elegíaco*) — Uma observação, senhor. O senhor diz *antigo castelo*, porque não poderia ser *gótico*?

O POETA ELEGÍACO — *Gótico* não se diz em verso.

ALGUÉM — Ah! Isso é outra coisa.

O POETA ELEGÍACO (*continuando*) — Repare bem, senhor, é preciso um limite. Eu não sou dos que querem desorganizar o verso francês e regressar à época dos Ronsarde dos Brébeuf. Eu sou romântico, mas moderado. É como para as emoções. Eu quero-as suaves, sonhadoras, melancólicas, mas nunca com sangue, com horrores. Velar as catástrofes. Eu bem sei que há pessoas, loucas imaginações em delírio que... Leram o último romance, minhas senhoras?

AS SENHORAS — Que romance?

O POETA ELEGÍACO — *O último dia...*

O SUJEITO GORDO — Basta, senhor! Sei o que quer dizer. Só o título me faz mal aos nervos.

A SENHORA DE BLINVAL — E a mim também. É um livro terrível. Tenho-o ali.

AS SENHORAS — Deixe vê-lo.

O livro passa de mão em mão.

ALGUÉM (*lendo*) — *O último dia de um...*

O SUJEITO GORDO — Por favor, minha senhora!

A SENHORA DE BLINVAL — Com efeito é um livro abominável, um livro que causa pesadelos, um livro, que nos põe doentes.

UMA SENHORA (*em voz baixa*) — Preciso lê-lo.

O SUJEITO GORDO — Devemos convir, que cada dia os costumes se vão depravando cada vez mais! Meu Deus! Que horrível ideia! Desenvolver, profundar, analisar uns depois dos outros e sem deixar escapar um só, todos os sofrimentos físicos, todas as torturas morais, que deve experimentar um homem condenado à morte no dia da sua execução! Não é uma coisa atroz? É compreensível, que tenha havido um escritor para esta ideia e um público para este escritor, minhas senhoras?

O SENHOR — Na verdade é soberanamente impertinente.

A SENHORA DE BLINVAL — Quem é o autor?

O SUJEITO GORDO — A primeira edição não trazia o nome.

O POETA ELEGÍACO — É o mesmo, que fez já dois outros romances... esqueci-lhes os títulos. O primeiro começa na Morgue e acaba na Grève. Em cada capítulo há um ogre, que come uma criança.

O SUJEITO GORDO — O senhor leu isso?

O POETA ELEGÍACO — Sim, senhor. A cena passa-se na Islândia.

O SUJEITO GORDO — Na Islândia! É espantoso!

O POETA ELEGÍACO — Tem também feito odes, baladas, e não sei o que mais, em que há monstros que têm corpos azuis.

O SENHOR (rindo-se) — Isso deve fazer um verso furioso.

O POETA ELEGÍACO — Publicou também um drama, — chama-se àquilo um drama? — onde se encontra este belo verso:

Amanhã vinte e cinco de junho de mil, seiscentos e cinquenta e sete.

ALGUÉM — Oh! Que verso!

O POETA ELEGÍACO — Isto pode-se escrever em algarismos. Veem, minhas senhoras:

Amanhã, 25 de junho de 1657.

(Ri-se. Todos se riem).

O SENHOR — É, uma coisa especial, a poesia do presente.

O SUJEITO GORDO — Ora! Esse homem não sabe versejar. Como se chama ele?

O POETA ELEGÍACO — Tem um nome tão difícil de reter, como de pronunciar. É gótico, visigótico e ostrogótico. *(Ri-se).*

A SENHORA DE BLINVAL — É um homem vil.

O SUJEITO GORDO — Um homem abominável.

UMA DONZELA — Alguém que o conhece, disse-me...

O SUJEITO GORDO — A senhora conhece alguém, que o conhece?

A DONZELA — Sim e que disse, que é um homem agradável, simples, que vive retirado e passa os seus dias a brincar com os filhos.

O POETA — E as noites a sonhar com obras de treva. — É singular; como fiz um verso naturalmente. Mas é um verdadeiro verso!

As noites a sonhar com obras de treva.

E com uma boa cesura! Agora só basta achar outra rima. Ora! Funérea.

A SENHORA DE BLINVAL — *Quidquid tentabat dicere, versus erat.*^[7]

O SUJEITO GORDO — Então a senhora dizia que o autor em questão tem filhos. É impossível, minha senhora. Quando se faz uma obra destas, um romance atroz!

ALGUÉM — Mas que fim tem esse romance?

O POETA ELEGÍACO — Li-o eu?

UM FILÓSOFO — Ao que parece, o seu fim é concorrer para a abolição da pena de morte.

O SUJEITO GORDO — Um horror, digo-lhes eu!

O SENHOR — É então um duelo com o carrasco?

O POETA ELEGÍACO — Ele quer muito mal à guilhotina.

UM SUJEITO MAGRO — Estou a ver. São declamações!

O SUJEITO GORDO — Não. Há apenas duas páginas nesse texto acerca da pena de morte. Todo o resto são sensações.

O FILÓSOFO — Não. O assunto merecia o raciocínio. Um drama, um romance não prova nada. E depois eu li o livro e é mau.

O POETA ELEGÍACO — Detestável! Será aquilo arte? Aquilo é exceder os limites, é quebrar os vidros. E depois, se eu conhecesse esse criminoso? Mas não. O que fez ele? Não se sabe. É talvez um sujeito desprezível. Ninguém tem o direito de me fazer interessar por alguém que eu não conheço.

O SUJEITO GORDO — Ninguém tem o direito de fazer experimentar ao leitor, sofrimentos físicos. Quando vejo tragédias, gente morta, nada me incómoda. Mas este romance faz-nos pôr os cabelos em pé, tremer de medo e dá-nos maus sonhos. Eu estive dois dias de cama por o ter lido.

O FILÓSOFO — Ajunte a isso que é um livro frio e medido.

O POETA — Um livro!... um livro!...

O FILÓSOFO — Sim. — E como o senhor dizia, há bocado, não tem verdadeira estética. Eu não me interesso por uma abstração, por uma entidade pura. Não vejo nele uma personalidade que se adapte à minha. E depois o estilo não é nem simples, nem claro. Cheira a anarquismo. É o que o senhor dizia, não é verdade?

O POETA — Com certeza, com certeza, não são precisas personalidades.

O FILÓSOFO — O condenado não é interessante.

O POETA — Como poderia ele interessar? Há um crime e não há remorsos. Eu teria feito ao contrário. Teria contado a história do meu condenado. Filho de gente honesta. Uma boa educação. Amor. Crime. Um crime! E depois remorsos, remorsos, muitos remorsos.

Mas as leis humanas são implacáveis; é preciso que ele morra. E então trataria da minha questão da pena de morte. Só então!

A SENHORA DE BLINVAL — Ah! Ah!

O FILÓSOFO — Perdão. O livro, como o senhor o entende, não provaria nada. O particular não explica o geral.

O POETA — Então melhor ainda; porque não escolher por herói, por exemplo... Malesherbes, o virtuoso Malesherbes? O seu último dia, o seu suplício? Oh! Então que belo e nobre espetáculo! Teria chorado, teria tremido, teria querido subir com ele para o cadafalso.

O FILÓSOFO — Não eu.

O SENHOR — Nem eu. No fundo o seu Malesherbes era um revolucionário.

O FILÓSOFO — O cadafalso de Malesherbes não prova nada contra a pena de morte em geral.

O SUJEITO GORDO — A pena de morte! Para quê preocuparmos com isso! O que é que ela nos faz? é preciso que esse autor seja de baixa condição para nos vir com um tal assunto causar pesadelos com o seu livro.

A SENHORA DE BLINVAL — Oh! Sim, um coração bem mau!

O SUJEITO GORDO — Obrigá-nos a olhar para as prisões, para Bicêtre. É muito desagradável. Bem se sabe, que são umas cloacas. Mas o que importa isso à sociedade?

A SENHORA DE BLINVAL — Os que fizeram as leis, não eram crianças nenhuma.

O FILÓSOFO — No entanto apresentando as coisas com verdade...

O SUJEITO MAGRO — É justamente o que lhe falta, a verdade. O que querem os senhores, que um poeta saiba de semelhantes assuntos? Pelo menos era preciso ser procurador do rei. Vejam: eu li numa citação que um jornal fazia desse livro, que o condenado não diz nada, quando lhe leem a sentença de morte! Pois bem eu vi um condenado que nesse momento deu um grande grito.

O FILÓSOFO — Se me permite...

O SUJEITO MAGRO — Mas, meus senhores, a guilhotina, a Grève é de muito mau gosto. E a prova é que parece um livro que corrompe o gosto e nos torna incapazes de emoções puras, frescas e ingênuas. Quando é que se levantarão os defensores da sã literatura? Eu queria ser, e os meus libelos acusatórios a isso me dão talvez o direito, membro da Academia francesa... Eis justamente o senhor Ergasto, que é de lá. O que pensa o senhor do *Último dia de um condenado*?

ERGASTO — Palavra, senhor, que não o li, nem o lerei. Ontem fui jantar a casa da senhora de Sénange e ouvi a marquesa de Morival falar dele ao duque de Melcour. Diz-se que há lá alusões pessoais contra a magistratura e sobretudo contra o presidente d'Alimont. O abade de Floricour estava também indignado. Parece que há um capítulo contra a religião e outro contra a monarquia. Se eu fosse procurador do rei!...

O SENHOR — Ah! Sim, procurador do rei! E a carta! E a liberdade de imprensa! No entanto deve convir, que é odioso um poeta, que quer suprimir a pena de morte. Ah! No antigo regímen, se alguém se permitiria publicar um romance contra a tortura!... — Mas depois da tomada da Bastilha pode-se escrever tudo. Os livros fazem um mal terrível.

O SUJEITO GORDO — Terrível! — Estávamos tranquilos, não pensávamos em nada. Cortava-se de tempos a tempos em França uma cabeça aqui, outra ali, o máximo por semana duas. Tudo isto

sem ruído, sem escândalo. Nada se dizia, ninguém nisso pensava. Vem um livro... — um livro, que nos causa uma dor horrível de cabeça!

O SUJEITO MAGRO — E o que fará um jurado depois de o ter lido?

ERGASTO — Isso perturba as consciências.

A SENHORA DE BLINVAL — Ah! Os livros, os livros! Quem teria esperado isto dum romance?

O POETA — É bem certo que os livros são muitas vezes um veneno subversivo da ordem social.

O SUJEITO MAGRO — Sem contar a linguagem, porque os senhores românticos a revolucionam também!

O POETA — Distingamos, senhor. Há românticos e românticos!

O SUJEITO MAGRO — Mau gosto, mau gosto!

ERGASTO — Tem razão. Mau gosto!

O SUJEITO MAGRO — Nada há que responder a isto.

O FILÓSOFO (*encostado ao fauteuil duma senhora*) — Dizem coisas, que nem mesmo se dizem na rua Mouffetard.

ERGASTO — Abominável livro!

A SENHORA BLINVAL — Não o deitem ao fogo. Não é meu.

O SENHOR — Falem-me do nosso tempo. Como tudo se depravou, o gosto e os costumes! Lembra-se do nosso tempo, senhora de Blinval?

A SENHORA DE BLINVAL — Não, senhor, não me lembro.

O SENHOR — Éramos o povo mais manso, mais alegre e mais espirituoso. Sempre belas festas e lindos versos. Era encantador. Nada há de mais galante que o madrigal do senhor de La Harpe sobre o grande baile que a senhora Marechala de Mailly deu em mil setecentos... no ano da execução de Damiens?

O SUJEITO GORDO (*suspirando*) — Felizes tempos! Agora os costumes são horríveis e os livros também. É o belo verso de Boileau:

E a queda das artes segue a decadência dos costumes.

O FILÓSOFO (*baixo para o poeta*) — Nesta casa não se ceia?

O POETA ELEGÍACO — Daqui a bocado.

O SUJEITO MAGRO — Agora quer-se abolir a pena de morte e para isso fazem-se romances cruéis, imorais e de mau gosto, *O último dia de um condenado*, o que sei eu?

O SUJEITO GORDO — Vamos, meu caro, não falemos mais desse livro atroz; e visto que o encontro, diga-me, o que vai fazer desse homem cuja comutação de pena rejeitámos, há três semanas.

O SUJEITO MAGRO — Ah! Tenha paciência! Aqui estou em férias. Deixe-me respirar. À volta. No entanto se me demorar muito, escreverei ao meu substituto...

UM LACAIO (*entrando*) — A senhora está servida.

O último dia de um condenado

I

Bicêtre.

Condenado à morte!

Há cinco semanas, que vivo com este pensamento, sempre só com ele, sempre gelado pela sua presença, sempre curvado sob o seu peso!

Em outros tempos, — porque me parece que anos e não semanas se têm passado, — eu era um homem, como qualquer outro. Cada dia, cada hora, cada minuto tinha a sua ideia. O meu espírito jovem e rico estava cheio de fantasia. Divertia-se a desenrolar ante meus olhos uns depois dos outros, sem ordem, nem fim, adornando-os de inesgotáveis arabescos, este rude e fraco estofado da vida. Ora eram donzelas, esplêndidas capas de bispos, batalhas ganhas, teatros cheios de ruído e de luz, ora novas donzelas e sombrios passeios durante a noite sob as copas dos castanheiros. Na minha imaginação vivia uma eterna festa. Eu podia pensar no que queria, era livre.

Hoje estou preso, O meu corpo está preso numa masmorra, o meu espírito está preso por uma ideia. Uma horrível, uma sangrenta, uma implacável ideia! Só tenho um pensamento, uma convicção, uma certeza: condenado à morte!

Por mais que faça ele está aí sempre, esse pensamento infernal, como um espectro de chumbo, só e repelindo qualquer distração, frente a frente comigo, miserável de mim! E sacudindo-me com as suas duas mãos de gelo, quando quero voltar a cabeça ou fechar os

olhos. Ele introduz-se sob todas as formas naquilo onde o meu espírito procurava fugir-lhe, junta-se, como um estribilho terrível, a todas as palavras, que me dirigem, cola-se comigo às grades hediondas da minha prisão; obsidia-me acordado, espia o meu sono convulsivo e reaparece-me em sonhos na forma de um cutelo.

Acabo de acordar em sobressalto perseguido por ele. Comigo digo: — É um sonho! — Pois bem, antes mesmo dos meus olhos ainda pesados do sono terem tempo de se entreabrirem o suficiente para verem este fatal pensamento escrito na horrível realidade, que me rodeia, na lama da minha célula, nos pálidos raios da minha lanterna, no tecido grosseiro do meu fato, sobre a figura sombria do soldado da guarda, cuja patrona reluz através da grade, parece-me que já uma voz murmurou ao meu ouvido: — Condenado à morte!

II

Era por uma bela manhã de agosto.

Havia três dias, que o meu processo estava sendo discutido, três dias, que o meu nome e o meu crime reuniam todas as manhãs uma nuvem de espetadores, que vinham sentar-se nos bancos da sala da audiência, como corvos ao redor dum cadáver; três dias que toda essa fantasmagoria de juízes, testemunhas, advogados e procuradores do rei, passava e tornava a passar por diante de mim, ora grotesca, ora sangrenta, mas sempre sombria e fatal. Nas duas primeiras noites, noites de inquietação e de terror, eu não tinha podido dormir; na terceira, cheio de nojo e de fadiga, conseguira adormecer. Eu deixará à meia-noite os jurados deliberando. Tinham-me conduzido para a palha da minha prisão e imediatamente caíra num sono profundo, num sono de esquecimento. Eram essas as minhas primeiras horas de repouso, havia alguns dias.

Estava eu no mais profundo do meu sono, quando me vieram acordar. Desta vez não bastou o passo pesado e os sapatos ferrados do carcereiro, nem o tinir do seu molho de chaves e o rangido rouco dos ferrolhos; foi preciso, para me arrancar da minha letargia, a sua voz rude, soando-me aos ouvidos e a sua mão pesada sobre o meu braço.

— Levante-se!

Abri os olhos e espantado sentei-me na cama. Nesse momento, pela estreita e alta janela da minha cela, vi no teto do corredor vizinho, o único céu, que me era dado entrever, esse reflexo doirado, em que os olhos habituados às trevas duma prisão sabem tão bem reconhecer o Sol. E eu gosto do Sol.

— Está bom tempo, — disse eu para o carcereiro.

Ele permaneceu um momento sem me responder, como não sabendo se valia a pena estar a gastar palavras; depois com esforço murmurou bruscamente:

— É possível.

Eu continuava imóvel, com o espírito adormecido, a boca sorridente, os olhos fixos sobre essa suave reverberação dourada, que matizava o teto.

— Está um belo dia, — repeti eu.

— Sim, — respondeu o homem. — Estão à sua espera.

Estas poucas palavras, como o fio que interrompe o voo do inseto, atiravam-me violentamente para a realidade. Tornei a ver, como à luz dum relâmpago, a sombria sala das audiências, o semicírculo dos juízes carregados de farrapos ensanguentados, as três filas de testemunhas de faces estúpidas, os dois gendarmes nas extremidades do meu banco e os fatos negros agitando-se, as cabeças da multidão formigando ao fundo na sombra e os olhares fixo sobre mim dos doze jurados, que tinham velado enquanto eu dormia.

Levantei-me; os dentes batiam uns contra os outros, as mãos tremiam-me, e não sabia onde achar o fato. As minhas pernas estavam fracas; ao primeiro passo que dei, tropecei, como um moço muito carregado. No entanto fui seguindo o carcereiro.

Os dois gendarmes estavam à minha espera à porta da cela. Puseram-me as algemas. Tinha uma fechadura complicada que eles fecharam com cuidado. Eu deixei-os sossegadamente fazer tudo isso; era uma máquina sobre outra máquina.

Atravessámos um pátio interior. O ar vivo da manhã reanimou-me. Levantei a cabeça. O céu era azul e os raios quentes do sol, escorregando ao longo das altas chaminés, traçavam grandes ângulos de luz no cimo dos altos e sombrios muros da prisão. Com efeito estava um lindo dia.

Subimos uma escada em caracol; atravessámos um corredor, depois outro e ainda um terceiro; depois abriu-se uma porta baixa. Um ar quente, ruidoso, me veio bater no rosto; era o bafo da multidão na sala das audiências. Entrei.

À minha aparição houve um rumor de armas e de vozes. Os bancos arrastaram-se ruidosamente; os tabiques estalaram e enquanto ia atravessando a longa sala entre duas massas de povo, muradas de soldados, parecia-me que eu era o centro a que estavam ligados os fios, que faziam mover todas essas faces ansiosas.

Nesse instante reparei, que já não tinha as algemas; mas não me pude lembrar, nem quando, nem como mas tinham tirado.

Então fez-se um grande silêncio. Chegara ao meu lugar. No momento em que o tumulto cessou, cessou também a agitação das minhas ideias. Compreendi de repente e claramente o que até então só confusamente entrevira, que chegara o momento decisivo e que estava ali para ouvir ler a minha sentença.

Que explique quem puder, a maneira por que esta ideia me veio ao cérebro, mas não me causou nenhum terror. As janelas estavam abertas; o ar e o ruído da cidade entravam livremente; a sala estava alegre, como para um casamento; os risonhos raios do sol traçavam aqui e ali figuras luminosas, ora alongados pelo chão, ora desenvolvidos por sobre as mesas, ora quebrando-se contra as quinas das paredes; e nestes losangos brilhantes cada raio recortava no ar um grande prisma de poeira de ouro.

Os juízes, ao fundo da sala, tinham um ar satisfeito, provavelmente pela alegria de ter acabado já. O rosto do presidente, suavemente iluminado pelo reflexo duma janela, tinha alguma coisa de calmo e bom; e um jovem adjunto, brincando com a romeira, falava quase alegremente com uma bonita senhora de chapéu cor de rosa, colocada por favor por detrás dele.

Só os jurados pareciam pálidos e abatidos, mas aparentemente, pela fadiga de terem velado toda a noite. Alguns bocejavam. Nada no seu aspeto anunciava que estavam ali homens, que acabavam de dar uma sentença de morte; e sobre o rosto desses bons burgueses eu só conseguia descobrir uma grande vontade de dormir.

Na minha frente estava uma janela aberta de par em par. Ouvia as mercadoras de flores rindo no cais e no parapeito da janela uma linda planta amarela, toda vivificada por um raio do sol, brincava com o vento numa fenda de pedra.

Como poderia haver uma ideia sinistra no meio de tão graciosas sensações? Inundado de ar e de sol, foi-me impossível pensar noutra coisa, a não ser na liberdade; a esperança veio brilhar em mim, como o dia brilhava à minha volta; e confiante pus-me à espera da sentença, como quem espera a liberdade e a vida.

Neste momento chegou o meu advogado. Estavam à espera dele. Acabava de almoçar copiosamente e com bom apetite. Chegado ao seu lugar inclinou-se para mim com um sorriso.

— Tenho esperança, — disse-me ele.

— Não é verdade? — respondi eu, sorrindo também.

— Sim, — continuou ele. — Eu não sei ainda nada das respostas, mas com certeza que arredaram a premeditação e serão os trabalhos forçados por toda a vida.

— O quê, Senhor? — repliquei eu indignado. — Cem vezes a morte!

Sim, a morte! — E de resto, — dizia-me não sei que voz interior, — o que arrisco eu dizendo isto? Já alguma vez se pronunciou uma sentença de morte sem ser à meia-noite, com archotes, numa sala sombria e negra e por uma fria noite de chuva e de inverno? Mas no mês de agosto, às oito horas da manhã, com um dia tão lindo, e com tão bons jurados, era impossível! E os meus olhos voltavam a fixar-se sobre a linda flor amarela.

De repente o presidente, que só esperava pelo advogado, mandou-me levantar. A tropa apresentou armas e, como por um movimento elétrico, toda a assistência se pôs também de pé. Uma figura insignificante e nula, colocada numa mesa por baixo do tribunal, — era o escrivão, penso eu, — levantou-se e leu o veredito que os jurados tinham pronunciado na minha ausência. Um suor frio me percorreu todos os membros; encostei-me à parede para não cair.

— Advogado, tem alguma coisa a dizer sobre a aplicação da pena? — perguntou o presidente.

Eu teria muito que dizer, mas nada me ocorreu. A língua colou-se-me à boca.

O defensor levantou-se.

Compreendi que procurava atenuar a declaração do júri e substituir a pena, a que ela dava lugar, pela outra pena, aquela que ele esperava e que tanto me indignava.

Foi preciso que a indignação fosse bem forte para vencer as mil comoções, que se agitavam no meu pensamento. Quis repetir em voz alta, o que já lhe tinha dito: — Antes cem vezes a morte! Mas a respiração faltou-me e só o pude agarrar violentamente pelo braço, gritando numa força convulsiva: — Não!

O procurador geral combateu o advogado e eu escutei-o com uma satisfação estúpida. Depois os juízes saíram, tornaram a entrar e o presidente leu a minha sentença.

— Condenado à morte! — disse a multidão.

E enquanto me levavam, todo esse povo se precipitou sobre os meus passos com o ruído dum edifício, que desaba. Eu caminhava estupefacto e como ébrio. Uma revolução se acabava de operar em mim. Até à sentença de morte eu sentia-me respirar, palpitar, viver no mesmo meio, que os outros homens; agora distinguia claramente, como que uma espécie de separação entre o mundo e eu. Nada já me aparecia com o mesmo aspeto que antes. Essas largas janelas cheias de luz, esse belo Sol, esse céu puro, essa alegre flor, tudo se tornava branco e pálido, da cor duma mortalha. Esses homens, essas mulheres, essas crianças, que se comprimiam à minha passagem, achei-lhes um ar de fantasmas.

Ao fundo da escada esperava-me uma carruagem fechada com grades, escura e húmida. No momento de subir olhei ao acaso para a praça.

— Um condenado à morte! — gritavam os transeuntes correndo para a carruagem.

Através da nuvem, que me parecia ter-se interposto entre mim e as coisas, distingui duas donzelas, que me seguiam com olhares ávidos.

— Bom, — disse a mais nova batendo as mãos, — será dentro de seis semanas!

III

Condenado à morte!

Pois bem, porque não? *Os homens*, — lembro-me de ter lido isto não sei em que livro em que só isto havia de bom, — *os homens são todos condenados à morte com prazos indefinidos*. Então o que há de extraordinário na minha situação?

Desde a hora em que a minha sentença foi pronunciada, quantos morreram, que se estavam preparando para uma longa vida! Quantos se me avançaram, novos, livres e sãos, e que contavam ir ver em tal dia cair a minha cabeça na praça da Grève! Quantos daqui até lá, que andam e respiram ao ar livre, e se movem à sua vontade, levarão um avanço sobre mim!

E depois o que é que a vida para mim tem de saudosa? Na verdade o dia sombrio e o pão negro da prisão, a porção de caldo magro tirado da celha das galés, ser brutalizado pelos carcereiros e pelos guardas-forçados, não ver um ser humano, que me julgue digno duma palavra e a quem eu responda, tremer sem cessar, não só do que tiver feito, mas do que me farão; eis pouco mais ou menos os únicos bens, que o carrasco me pode tirar!

Ah! No entanto isto é horrível!

IV

A negra carruagem transportou-me para aqui, para esta horrorosa Bicêtre.

Visto de longe, este edifício tem majestade. Desenrola-se no horizonte, na encosta duma colina e à distância conserva alguma coisa do seu antigo esplendor, um ar de castelo real. Mas à medida que nos aproximamos, o palácio transforma-se em pardieiro. As paredes empenadas chocam a vista.

Eu não sei o que de vergonhoso e de pobreza mancha estas fachadas reais; dir-se-ia que as paredes têm lepra. As janelas não têm caixilhos, nem vidraças, mas grades maciças de ferro cruzado, às quais se cola aqui e ali algum macilento rosto dum condenado às galés ou dum louco!

É a vida vista de perto.

V

Mal cheguei, umas mãos de ferro se apossaram de mim. Multiplicaram-se as precauções; nem faca, nem garfo me davam às refeições; o *colete de forças*, uma espécie de saco de lona, me prendeu os braços; respondiam pela minha vida. Eu tinha recorrido da sentença. Este fatigante trabalho podia pois prolongar-se por seis ou sete semanas e importava conservarem-me são e salvo para a praça da Grève.

Nos primeiros dias trataram-me com uma mansidão, que me era horrível. Os respeitos dum carcereiro fazem lembrar o cadafalso. Por felicidade ao cabo de poucos dias o hábito fê-los esquecer; confundiram-me com os outros prisioneiros na mesma brutalidade, e não mais tiveram dessas delicadezas não costumadas, que me traziam sem cessar à memória o carrasco. Não foi esse o único melhoramento. A minha mocidade, a minha mansidão, os bons ofícios de capelão da prisão e sobretudo algumas palavras em latim, que dirigi ao carcereiro, que as não compreendeu, obtiveram-me o passeio uma vez por semana com os outros presos e fizeram desaparecer o colete, onde eu estava paralisado. Depois de muitas hesitações deram-me tinta, papel, penas e uma lâmpada.

Todos os domingos, depois da missa, deixavam-me no pátio, à hora do passeio. Aí conversava com os presos. São boas pessoas, os desgraçados! Contavam-me os seus *golpes*, e, se não soubesse que eles se vangloriam deles, seria para causar horror. Ensinaram-me a falar calão. É uma língua enxertada na linguagem geral, como uma espécie de excrescência horrível, como uma verruga. Algumas vezes tem uma energia singular, um pitoresco horrível: — *há chorume no andamento*, querendo dizer, que há sangue no caminho; *casar com a viúva*, por ser enforcado, como se a corda da forca fosse a viúva de todos os enforcados; A cabeça dum ladrão tem dois nomes:

marmita dos pensamentos, quando medita, raciocina e aconselha o crime; a *bola*, quando o carrasco a corta. Algumas vezes tem o espírito das comédias: *bandeja de cavacos* por cesto de trapeiro; a *mentirosa* pela língua; e depois palavras estranhas, misteriosas, alegres e sórdidas, vindas não se sabe donde: *mestre Brás* pelo carrasco; a *pinha* pela morte e a *chafurdeira* pela praça das execuções.

E depois o que eu escrever assim, não será talvez inútil. Este diário dos meus sofrimentos, hora por hora, minuto por minuto, suplício por suplício, se tiver forças de o levar até ao momento, em que me for *fisicamente* impossível continuar, esta história, necessariamente incompleta, mas tão completa possível, das minhas sensações não terá consigo um grande e profundo ensinamento? Não haverá neste libelo do pensamento agonizante, nesta progressão sempre crescente de dores, nesta espécie de autópsia intelectual dum condenado, mais alguma coisa que uma lição para aqueles, que condenam? Talvez esta leitura lhes torne a mão menos leve, quando se tratar outra vez de mandar deitar uma cabeça, que pensa, uma cabeça de homem, naquilo que eles chamam a balança da justiça? Talvez não tenham pensado nunca, não tenham refletido, os desgraçados, nesta lenta sucessão de torturas, que contem a fórmula respetiva da sua condenação à morte? Se alguma vez se detiveram nesta ideia pungente, que no homem que condenam, há uma inteligência que contava viver, uma alma, que se não dispôs para a morte? Eles não veem em tudo isto senão a queda vertical dum cutelo triangular e pensam sem dúvida que para o condenado nada há antes, nem depois.

Estas folhas desenganá-los-ão. Talvez um dia publicadas façam deter o seu espírito sobre os sofrimentos do espírito, porque esses são dos que se não imaginam. Eles estão triunfantes por poderem matar sem quase fazerem sofrer o corpo. Eh! É bem disso que se trata! O que é a dor física em face da dor moral! Horror e piedade é o que causam leis assim feitas. Dia virá em que talvez que estas

memórias, últimas confidentes dum miserável, para isso tenham contribuído.

A não ser que, depois da minha morte, o vento leve estes bocados de papel, sujos de lama ou que vão apodrecer à chuva, colados como estrelas, nalgum vidro quebrado do carcereiro.

VII

Que o que aqui escrevo, possa um dia ser útil a outros, que isso faça deter o juiz prestes a julgar e que salve desgraçados, inocentes ou culpados, da agonia a que eu estou condenado! Porquê? Para quê? Que importa? Quando a minha cabeça tiver sido cortada, que me importa a mim, que cortem outras? Na verdade pude pensar estas loucuras? Deitar abaixo o cadafalso depois de eu lá ter subido! Pergunto o que me fará a mim isso?

O quê! O Sol, a primavera, os campos cheios de flores, as aves, que despertam de manhã, as nuvens, as árvores, a natureza, a liberdade, a vida, tudo isso já não é para mim!

Ah! A mim é que era preciso salvar! — É então verdade que isso não pode ser, que é preciso morrer amanhã, talvez hoje, sem remédio?

Oh! Deus! Ideia horrível capaz de fazer esmagar a cabeça de encontro ao muro da prisão.

VIII

Contemos o tempo que me falta:

Três dias de demora depois da sentença pronunciada na apelação.

Oito dias de esquecimento na secretaria do tribunal, depois do que as *peças*, como eles dizem, são enviadas ao ministro.

Quinze dias de demora no ministro, que nem mesmo sabe que elas existem e que no entanto as manda, depois de exame, para o tribunal da relação.

Aí, classificação, numeração e registo, porque a guilhotina tem muita gente à espera e cada um deve ir por sua vez.

Quinze dias para esperar para que se não cometa connosco nenhuma injustiça.

Finalmente o tribunal reúne, de ordinário a uma quinta-feira, indefere vinte recursos em massa e remete tudo de novo para o ministro, que o remete ao procurador geral, que o remete para o carrasco. Três dias!...

Na manhã do quarto dia, o substituto do procurador geral, quando está a pôr a gravata diz:

— É preciso acabar com este negócio.

Então, se o substituto não tem qualquer almoço de amigos, que o impeça disso, a ordem de execução é minutada, redigida, passada a limpo, expedida e no dia seguinte desde a aurora se ouve na praça

da Grève pregar madeira e nas ruas uivarem em voz alta os pregoeiros roucos.

Ao todo seis semanas. A pequena tinha razão.

Ora, há já pelo menos cinco semanas, talvez seis, nem me atrevo a contá-las, que estou neste quartinho de Bicêtre e parece-me, que há três dias, era quinta-feira.

IX

Acabo de fazer o meu testamento.

E para quê? Fui também condenado nas custas e o que tenho mal chegará para as pagar. A guilhotina custa muito caro.

Deixo mãe, mulher e uma filha. — Ai! Uma filhinha de três anos, bela, rosada e delicada, com uns grandes olhos pretos e longos cabelos castanhos.

Quando a vi pela última vez, tinha ela dois anos e um mês.

Assim, depois da minha morte, essas três mulheres ficarão sem amparo: uma sem o filho, outra sem marido e a terceira sem pai. Três órfãs de diferente espécie, três viúvas em consequência da lei.

Concordo que eu devo ser castigado, mas o que fizeram essas inocentes? Nada importa que elas fiquem desonradas e reduzidas à miséria! — É a isto, que se chama justiça?

A sorte da minha pobre mãe não me inquieta, porque já está velha; tem sessenta e quatro anos e este golpe a matará. E se viver mais alguns dias, se tiver até ao último momento um pouco de cinza quente para aquecer os pés, nada dirá.

Também me não inquieto com minha mulher; não goza saúde, o seu espírito é fraco e morrerá também. Salvo se enlouquecer. Dizem que a loucura faz viver; ainda assim o seu espírito não sofrerá e, embora viva, dormirá como se estivesse morta.

Mas minha filha, a minha pequenina Maria, que a esta hora talvez esteja rindo, brincando ou cantando, em nada pensando, essa é que me causa vivas inquietações.

X

Eis aqui a descrição da minha cela:

Oito pés quadrados. Quatro paredes de cantaria, que se alinham em ângulo reto sobre o pavimento de lajes, um degrau acima do nível do corredor externo.

À direita da porta, para quem entra, há uma espécie de buraco, a que eles querem dar o nome de alcova. Nesse lugar se deita um feixe de palha, onde se julga, que o preso descansa e dorme, vestido com umas calças de linho, uma camisola de riscado, e isto tanto de inverno, como de verão.

Por cima da minha cabeça, fingindo céu, há uma abobada negra, da qual pendem, como farrapos, espessas teias de aranha.

Finalmente não há janela, nem respiradoiro; a porta da entrada é de madeira, toda chapeada de ferro.

Enganei-me; no meio da porta, lá muito ao alto, há uma abertura de nove polegadas quadradas, com uma grade em cruz e que o chaveiro pode fechar de noite.

Por fora há um corredor muito comprido, iluminado e arejado por meio de respiradoiros estreitos praticados no alto dos muros e dividido em compartimentos de pedra e cal, que têm comunicação entre si por uma série de portas em arco e baixas; cada um destes compartimentos serve como de antecâmara às prisões, como a minha. Nestas prisões é que se encerram os forçados condenados a penas disciplinares pelo diretor da prisão. Os três primeiros quartos são reservados para os condenados à morte, porque estando mais próximos da casa do carcereiro, este exerce mais comodamente a vigilância.

Estas prisões são tudo o que resta do antigo castelo de Bicêtre, tal qual foi edificado no século quinze pelo cardeal de Winchester, o mesmo que mandou queimar Joana d'Arc. Ouvi-o dizer a uns *curiosos*, que um dia destes me vieram ver à minha prisão e que contemplavam de longe como a uma fera do pátio dos bichos. O carcereiro ganhou uns soldos.

Esquecia-me dizer, que dia e noite há uma sentinela à porta da minha prisão e que não posso levantar os olhos para a trapeira quadrada sem encontrar os seus dois olhos fixos e sempre abertos.

Segundo o que se diz, nesta boceta de pedra há ar e claridade.

XI

Ainda não é dia! O que farei durante o resto da noite. Uma ideia me veio ao espírito. Levantei-me e com a lanterna pus-me a examinar as quatro paredes da minha cela. Estão todas escrita, cheias de desenhos, de figuras extravagantes e de nomes, que se confundem e se apagam mutuamente. Parece que cada condenado quis deixar as suas memórias, ao menos aqui. Há escritos a lápis, a giz e a carvão; há letras negras, brancas, cor de chumbo e até algumas são gravadas na pedra; aqui e ali aparecem também caracteres da cor da ferrugem, que parecem ter sido escritos com sangue.

Certamente, se o meu espírito estivesse mais tranquilo, teria interesse em ler este estranho livro, que página a página se desenrola a meus olhos sobre cada pedra desta prisão. Quanto folgaria se pudesse reconstituir um todo com esses retalhos de pensamentos, espalhados por essas pedras; encontrar o homem pelo nome, dar sentido e vida a estas inscrições mutiladas, a estas frases incompletas, a estas palavras truncadas, corpos sem cabeça, como os que os escreveram.

Por cima do meu travesseiro há dois corações inflamados, atravessados por uma frecha, e no alto a inscrição: *Amor para sempre*. Este infeliz não contraía uma longa obrigação.

Ao lado há uma espécie de chapéu de três bicos com uma pequena figura grosseiramente desenhada e por baixo estas palavras: *Viva o Imperador! 1824*.

Novos corações inflamados com esta inscrição bem característica para uma prisão: *Amo e adoro Mateus Danoin. Jaques*.

Na parede fronteira lê-se este nome: *Papavoine*. O P maiúsculo é todo bordado de arabescos e desenhado com trabalho.

Uma quadra duma canção obscena.

Um barrete frígio gravado na pedra, mas muito fundo, com isto por baixo: — *Bories*. — *A República*. — Era um dos quatro oficiais subalternos da Rochela. Pobre mancebo! Como são más as suas pretendidas necessidades políticas; por uma ideia, por um sonho, por uma abstração, a horrível realidade, que se chama guilhotina! E queixava-me eu, eu que fui tão miserável, que cometi um verdadeiro crime, que derramei sangue!

Não continuarei mais com esta indagação. A um canto da parede, riscada a giz, vi a espantosa imagem, o cadafalso, que talvez agora se esteja levantando para mim. A lanterna quase me ia caindo das mãos.

XII

Voltei a sentar-me precipitadamente na palha e encostei a cabeça aos joelhos. O meu infantil terror dissipou-se gradualmente e uma estranha curiosidade me convidou a continuar a leitura das paredes.

Ao lado do nome de Papavoine estava uma teia de aranha espessa de pó e feita num canto; tirei-a. Por debaixo havia quatro ou cinco nomes, que se podiam ler perfeitamente no meio de outros de que poucos vestígios restavam. — *Dautum, 1815.* — *Poulain, 1818.* — *João Martin, 1821.* — *Castaing, 1823.* — Li estes nomes e lúgubres recordações me vieram ao espírito. Dautum é aquele que esquartejou um irmão e que depois andou de noite por Paris espalhando os restos do corpo, a cabeça numa fonte, o tronco numa sarjeta; Poulain assassinou a mulher; João Martin deu um tiro de pistola no pai no momento em que o velho abria uma janela; Castaing era o médico que envenenou um amigo e que curando-o da doença, que lhe provocara, em lugar de remédios lhe continuava dando veneno; e ao lado destes Papavoine, o terrível louco, que matava as crianças às facadas na cabeça.

Eis aqui, dizia eu a mim mesmo com calafrios de febre, os hóspedes, meus antecessores nesta prisão. Foi aqui, nesta mesma laje, em que eu estou, que eles, assassinos e sanguinários, tiveram os seus últimos passos de feras. Com pequeno intervalo de tempo se foram sucedendo; parece que esta prisão nunca está vazia. O lugar ainda parece estar quente e foi a mim que eles o legaram. Chegara também a minha vez e ir-me-ei unir a eles no cemitério de Clamart, onde as plantas crescem com rapidez.

Não sou nem visionário, nem supersticioso. Provavelmente estas ideias deram-me um acesso de febre e, quando assim estava

pensando, pareceu-me de repente, que estes nomes fatais estavam escritos com fogo na parede negra; aos meus ouvidos soou um tinir cada vez mais rápido e os meus olhos viram uma luz vermelha. Pareceu-me depois que a prisão estava cheia de homens, homens estranhos, que traziam as cabeças seguras na mão esquerda, segurando-as pela boca, porque não tinham cabelo. Todos me mostravam o punho, menos o parricida.

Horrorizado fechei os olhos e então vi tudo mais distintamente ainda.

Fosse sonho, visão ou realidade, teria enlouquecido, se repentinamente não tivesse voltado a mim. Estava prestes a cair de costas, quando senti mover-se por sobre o meu pé descalço um ventre frio, umas patas cabeludas. Eram as aranhas, que eu tinha desalojado e que fugiam.

A visão desvaneceu-se. Seriam espetros? — Não, era fumo, efeitos de imaginação de um cérebro vazio e convulso. Espetro do Macbeth! — os mortos estão mortos e estes principalmente; o sepulcro os guarda com segurança e o sepulcro é prisão de onde preso nenhum fugiu ainda. Porque tive medo?

A porta do túmulo não se abre pelo lado de dentro.

XIII

Há dias, vi um espetáculo profundamente hediondo.

Amanhecera, havia pouco, mas a prisão achava-se em pleno movimento. Ouviam-se abrir e fechar pesadas portas, ranger ferrolhos e cadeados de ferro, tinir molhos de chave na cinta dos carcereiros, tremerem as escadas de alto a baixo sob passos precipitados e vozes, que chamavam e respondiam no extremo dos compridos corredores. Os meus vizinhos de prisão, os forçados castigados estavam mais alegres, que de costume. Bicêtre toda parecia rir, cantar, correr e dançar.

Só eu, mudo no meio deste ruído, imóvel neste tumulto, espantado e inquieto, escutava.

Passou um guarda.

Arrisquei-me a chamá-lo e a perguntar-lhe se havia festa na prisão.

— Será festa, se isso lhe agrada! — respondeu-me ele. — É hoje que se vão pôr os ferros aos forçados, que devem partir amanhã para Toulon. Quer ver? é um divertimento para si.

Com efeito para um solitário recluso era uma boa fortuna assistir a um qualquer espetáculo por mais odioso, que ele fosse. Aceitei pois o divertimento.

O carcereiro tomou as necessárias precauções para comigo, depois conduziu-me para uma pequena cela vazia e sem móveis, que tinha uma janela quadrada, mas uma verdadeira janela de parapeito e através da qual se via realmente o céu.

— Daqui verá e ouvirá tudo, — disse-me o guarda. — Estará aqui sozinho, como o rei no seu camarote.

Saiu e fechou a porta a cadeado, ferrolhos e fechadura.

A janela dava para um pátio quadrado bastante largo e à volta do qual nos quatro lados se elevava, como uma muralha, um grande edifício de pedra de seis andares. Nada de mais degradante, de mais nu e de mais miserável à vista que essa quadrupla fachada crivada duma multidão de janelas gradeadas, a que estavam coladas, de alto a baixo, uma multidão de rostos magros e macilentos, comprimidos uns de encontro aos outros, como as pedras de uma muralha e todos por assim dizer enquadrados nas molduras das barras de ferro. Eram os prisioneiros, agora espetadores da cerimónia, esperando a vez de serem atores. Dir-se-iam almas penadas nos respiradouros do purgatório, olhando para o inferno.

Todos olhavam em silêncio o pátio vazio ainda. Esperavam. Entre essas figuras apagadas e amortecidas, viam-se aqui e ali alguns olhares incisivos e vivos, como pontas de fogo.

O quadrado das prisões, que rodeiam o pátio, não tem porta para esse pátio. Um dos quatro corpos do edifício — aquele que dá para o levante — é cortado pelo meio e não se liga ao vizinho senão por uma grade de ferro. Essa grade abre-se para um segundo pátio mais pequeno, que o primeiro, e como ele cercado de muros e paredes negras.

À volta do pátio principal há bancos de pedra junto da muralha. No meio levanta-se uma coluna de ferro curva, destinada a uma lanterna.

Dá meio-dia. Um portão enorme escondido num recanto, abre-se bruscamente. Uma carroça, escoltada por uma espécie de soldados sujos e vergonhosos, de uniformes azuis e charlateiras vermelhas, com bandoleiras amarelas, entra pesadamente no pátio com ruído de ferragens. Eram a calceta e as correntes.

No mesmo instante, como se esse ruído acordasse de novo todo o ruído da prisão, os espetadores das janelas, até então silenciosos e imóveis, começam a gritar de alegria, cantando e vociferando, em imprecações misturadas com gargalhadas, que arrepiava ouvir. Ter-se-ia julgado ver máscaras de demónios. Em cada rosto se via uma careta. Todos os punhos saíram das grades, todas as vozes uivaram, todos os olhos flamejaram e eu fiquei espantado de ver brilhar tanta faísca nessa cinza.

Entretanto os guardas, entre os quais se notavam pelos seus fatos limpos e pelo seu terror, alguns curiosos vindos de Paris, puseram-se tranquilamente a trabalhar. Um deles subiu para cima do carro e atirou para os companheiros as correntes, as gargantilhas de viagem e maços de calças de brim.

O trabalho dividiu-se; uns foram estender num canto do pátio as compridas correntes, a que chamavam no seu calão *os cordéis*; outros desdobraram sobre o lajedo *as sedas*, as camisas e as calças: outros, os mais espertos, examinavam uma a uma, sob a vigilância do capitão, um velhinho baixo, as golilhas de ferro, que experimentavam em seguida batendo-as contra o solo. Tudo isto era aplaudido com as exclamações de mofa dos presos, cujas vozes eram dominadas pelos risos enormes dos forçados, para quem tudo isso se preparava e que estavam às grades da prisão velha, que dava para o pátio pequeno.

Quando os preparativos acabaram, um sujeito agaloado a prata, e a quem chamavam o *senhor inspetor*, deu uma ordem ao diretor da prisão; e um momento depois duas ou três portas baixas começaram a vomitar quase ao mesmo tempo e como às lufadas, nuvens de homens terríveis e hediondos, que uivavam esfarrapados. Eram os forçados.

Quando eles apareceram, os gritos de alegria redobraram nas janelas. Alguns de entre eles, os nomes conhecidos da calceta, foram saudados com aclamações e aplausos, que eles recebiam com

essa espécie de altiva modéstia. A maior parte tinha chapéus arranjados por suas próprias mãos com a palha da prisão, de formas estranhas para que pelas cidades por onde passassem, o chapéu fizesse notar a cabeça. Estes eram os mais aplaudidos. Um principalmente excitou os transportes de entusiasmo, um mancebo de dezassete anos, que tinha um rosto de donzela. Acabava de sair da prisão, onde estava no segredo, havia oito dias; do seu molho de palha fizera um fato, que o envolvia da cabeça aos pés e entrou no pátio rodando sobre si com a agilidade duma serpente. Era um dançarino condenado por roubo. Houve um acesso de palmas e de gritos de alegria. Os condenados às galés respondiam e era uma coisa terrível esta troca de graças entre os forçados efetivos e os aspirantes. Em vão a sociedade ali estava representada pelos carcereiros e pelos curiosos amedrontados, porque o crime os insultava face a face e esse horrível castigo se transformava numa festa de família.

À medida que iam chegando, empurravam-nos por entre duas filas de guardas, para o pátio pequeno, onde os esperava a visita do médico. Era aí que todos então tentavam um último esforço para evitarem a viagem, alegando como desculpa a falta de saúde, uma doença de olhos, uma perna paralisada, uma mão mutilada. Mas quase sempre os declaravam bons para a grilheta; e então resignavam-se com indiferença, esquecendo em poucos minutos a sua pretendida doença de toda a vida.

A grade do pátio pequeno abriu-se. Um guarda começou a chamada por ordem alfabética; e então saíram um a um e cada forçado se foi alinhar a um canto do pátio grande, junto dum companheiro dado pelo acaso da letra inicial do nome. Assim cada um se via reduzido a si só; cada um levava a cadeia, lado a lado com um desconhecido e se por acaso um forçado tem um amigo, a corrente separa-os. A última das misérias!

Quando tinham saído aproximadamente trinta, fechou-se a grade. Um guarda os alinhou com o bastão, pondo diante de cada

um uma camisa, um casaco e umas calças de brim grosso; depois fez um sinal e todos se começaram a despir. Um incidente inesperado veio, como de propósito, transformar esta humilhação em tortura.

Até então o tempo estivera bom e se o vento frio de outubro refrescava o ar, de tempos a tempos o céu abria-se por entre as brumas e um raio de sol aparecia. Mas mal os forçados tinham tirado os farrapos da prisão, no momento em que estavam nus e de pé se ofereciam à investigação perspicaz dos guardas e aos olhares curiosos dos estranhos, que andavam à volta deles para lhes examinar as costas, o céu tornou-se negro, uma fria pancada de água irrompeu bruscamente e desabou a cântaros pelo pátio, sobre as cabeças descobertas, sobre os membros nus dos grilhetas e sobre os seus miseráveis fatos estendidos sobre o solo.

Num momento o pátio se esvaziou de todos os que não eram guardas ou presos. Os curiosos de Paris foram abrigar-se sob os alpendres das portas.

A chuva continuava caindo. No pátio já se não via senão forçados nus, escorrendo água no lajedo imundo. Um silêncio pesado sucedera às ruidosas bravatas. Tiritavam, os dentes batiam uns de encontro aos outros; as pernas magras e os joelhos nodosos tremiam; metia pena vê-los colocarem sob os membros azulados, as camisas, os casacos e as calças pingando chuva. Era preferível a nudez.

Só um velho conservou alguma alegria. Enxugando o corpo com a camisa molhada, gritou que *aquilo não estava no programa*; depois pôs-se a rir, mostrando o punho ao céu.

Quando todos acabaram de vestir o seu fato de viagem, levaram-nos aos grupos de vinte ou trinta para um outro canto do pátio, onde os esperavam os *cordéis* estendidos no chão. Os cordéis eram longas e fortes correntes cortadas transversalmente de duas

em duas polegadas, em cuja extremidade havia uma golilha quadrada, que se abre por meio duma charneira feita num dos ângulos e que se fecha no ângulo oposto por uma cavilha de ferro, envolvendo durante toda a viagem o pescoço do condenado. Quando estão estendidas por terra, essas correntes parecem a espinha dum grande peixe.

Fizeram assentar os presos na lama, sobre o lajedo inundado; experimentaram as gargalheiras; depois dois ferreiros tirados dos condenados, armados de bigornas portáteis, fecharam-nas a grandes marteladas. É este um momento terrível, em que até os mais ousados empalidecem. Cada pancada do martelo assente na bigorna, que é apoiada sobre as costas, faz ressaltar o queixo do paciente; o mais pequeno movimento de avanço ou recuo bastaria para fazer saltar o crânio do paciente, como uma casca de noz.

Depois desta operação os forçados tornaram-se sombrios. Só se ouvia o tinido das cadeias e de espaço a espaço um grito e o ruído surdo do bastão dos guardas sobre os membros dos recalitrantes. Houve alguns que choraram; os velhos tremiam e mordiam os lábios. Eu olhava com terror todos esses perfis sinistros nos seus caixilhos de ferro.

Depois da visita dos médicos, a visita dos carcereiros, depois das visitas destes, os ferros. Três atos desse espetáculo.

Um raio de sol reapareceu. Dir-se-ia que escaldava todos os cérebros ao mesmo tempo. Os forçados levantaram-se todos por um movimento convulsivo. As cinco correntes ligaram-se pelas mãos e imediatamente formaram uma roda imensa à volta da haste da lanterna. Era um movimento tão vertiginoso, que cansava a vista. Cantavam uma canção, um romance de prisão, uma toda lamentosa, ora furiosa, ora alegre; ouviam-se a intervalos gritos agudos, gargalhadas exaustivas de permissão com palavras misteriosas; depois vinham aclamações furibundas e as cadeias entrechocando-se em cadência serviam de orquestra a este canto mais rouco, que o seu

som. Se procurasse a imagem dum sabat, não a encontraria nem melhor, nem pior.

Trouxeram para o pátio uma grande celha. Os guardas interromperam a dança dos forçados às bastonadas e conduziram-nos até junto dela, na qual se via nadar não sei que ervas em não sei que líquido fumegante e porco. Os forçados comeram.

Depois tendo comido, atiraram para o chão os restos da comida e do pão de rala e puseram-se novamente a cantar e a dançar. Parece que se lhes permite esta liberdade no dia em que se lhes põe os ferros e na noite seguinte.

Este estranho espetáculo observava-o eu com uma curiosidade tão ávida e palpitante e tão atento que me esqueci de mim próprio. Um profundo sentimento de piedade me comovia até ao íntimo e as suas gargalhadas faziam-me chorar.

De repente, através do sonho profundo, em que estava embebido, vi a roda parar e todos calarem-se. Depois todos olhos se voltaram para a janela, que eu ocupava.

— O condenado! O condenado! — gritaram todos apontando-me com o dedo; e as explosões de alegria redobraram.

Fiquei petrificado.

Ignoro de onde me conheciam e como me tinham reconhecido.

— Bons dias! Boas tardes! — disseram-me eles com o seu gargalhar atroz.

Um dos mais novos, condenado a prisão perpetua, com a face luzidia e plúmbea, olhou-me com um ar de inveja, dizendo:

— É feliz! Vai ser *aparado*! Adeus, camarada!

Não posso dizer o que em mim se passava. Com efeito eu era seu camarada. A Grève é irmã de Toufon. Eu estava mesmo mais baixo que eles; era uma honra, que me concediam. Estremeci.

Sim, camaradas! Alguns dias mais tarde, eu também teria podido ser um espetáculo para eles.

Tinha ficado à janela, imóvel, tolhido, paralisado, mas quando vi as cinco correntes avançarem, virem para mim com palavras duma infernal cordialidade; quando ouvi o tumultuoso ruído das suas correntes, dos seus clamores, os seus passos junto da parede, pareceu-me que essa nuvem de demónios escalava a minha miserável cela. Dei um grito, atirei-me de encontro à porta, com força para a quebrar, mas não pude fugir. Os fechos estavam corridos por fora. Empurrei, gritei com raiva. Depois pareceu-me ouvir mais perto ainda as terríveis vozes dos forçados. Julguei ver as abomináveis cabeças aparecendo no parapeito da janela, dei um segundo grito de angústia e cai desmaiado.

XIV

Quando voltei a mim, era noite. Estava deitado sobre um catre; uma lanterna de luz vacilante fez-me ver outros catres alinhados de ambos os lados do meu. Compreendi que me haviam transportado para a enfermaria.

Fiquei alguns instantes acordado, mas sem pensamento, nem memória, entregue por completo à felicidade de estar na cama. Com certeza, que noutro tempo este leito de hospital e de prisão ter-me-ia feito recuar de desgosto e de piedade; mas eu já não era o mesmo homem. Os lençóis eram escuros e grosseiros ao tato, o cobertor era fino e esburacado; através do colchão sentia-se a palha. Que importa? Os meus membros podiam-se aquecer à vontade entre esses panos grosseiros; sob essa cobertura, por mais delgada que fosse, sentia dissipar-se pouco a pouco esse frio horrível da medula dos ossos, com que já me tinha costumado. Tornei a adormecer.

Um grande barulho me acordou depois; o dia ainda não estava claro. Vinha bulha de fora da enfermaria; como o meu leito estava junto à janela, levantei-me para ver o que era.

A janela dava para o pátio grande da Bicêtre. O pátio estava cheio de gente; duas linhas de veteranos a custo podiam abrir no meio desta multidão um estreito caminho, que atravessava o pátio. Por esta ala de soldados caminhavam lentamente, aos solavancos por sobre as pedras, cinco carretas compridas carregadas de homens. Eram os forçados, que partiam.

As carretas eram descobertas. Cada corrente ocupava uma. Os forçados iam sentados aos lados, encostados uns aos outros e separados pela corrente comum, que se estendia por todo o

comprimento da carreta, e em cuja extremidade um guarda de espingarda carregada pusera um pé.

Ouvia-se o tinir dos ferros e cada solavanco das carretas lhes fazia mover as cabeças e balouçar as pernas penduradas.

Uma chuva fina que trespassava o corpo, gelava o ar e fazia pegar os joelhos às calças de brim, que estavam negras. Do queixo e do cabelo curto pingava água; os rostos estavam arroxeados e tiritavam e rangiam os dentes de frio e raiva. Não se podiam mexer; aquele que está preso a essa cadeia, não é mais do que uma fração desse todo hediondo a que chamam corrente e que se move como um só homem. A inteligência deve abdicar; a calceta da galé condena-a à morte; e mesmo a parte animal só a horas determinadas pode ter necessidades e apetites.

Assim imóveis, a maior parte deles seminus, com as cabeças descobertas e os pés pendurados, começavam a sua viagem de vinte e cinco dias, carregados na mesma carreta, vestidos com os mesmos fatos, tanto para o Sol de julho, que dardeja a prumo, como para as frias chuvas de novembro. Parece que os homens querem repartir com o céu o seu ofício de carrasco.

Não sei que horrível diálogo havia entre a multidão e a gente das carretas; injúrias dum lado, ameaças do outro, imprecações de ambos, até que a um sinal do capitão, vi ao acaso choverem bordoadas nas carretas sobre os ombros ou sobre as cabeças e tudo entrou nessa espécie de calma externa, que se chama ordem. Os olhos porém estavam cheios de vingança e os punhos dos miseráveis voltavam-se-lhes contra os joelhos.

As cinco carretas, escoltadas de gendarmes a cavalo e de guardas a pé, desapareceram sucessivamente por baixo da alta porta abobadada da Bicêtre; seguia-as uma sexta, na qual iam a trouxe-mouxe, postas ao acaso, as caldeiras, as bacias de cobre e as

correntes de sobresselente. Alguns guardas, que se tinham demorado atrás, saíram correndo para se reunirem à escolta.

A multidão retirou-se e todo esse espetáculo desapareceu, como uma coisa fantástica. Gradualmente se foi enfraquecendo no ar o som pesado das rodas e dos pés dos cavalos, que iam pela estrada de Fontainebleau, o estalo dos chicotes, o tinido das cadeias e os gritos do povo, que desejava aos forçados péssima viagem.

Para eles isto é o começo!

Às galés, queria eu que fosse condenado o meu advogado! Ah! Sim, mil vezes antes a morte! Antes o cadafalso, que a calceta, antes a aniquilação, que o inferno, antes entregar o pescoço ao cutelo da guilhotina, que à calceta das galés!

As galés! Ó meu Deus!

XV

Infelizmente eu não estava doente. Por isso tive de sair no dia seguinte da enfermaria. Voltei para a prisão; tornei a ser a sua presa.

Não estava doente! Na verdade sinto-me novo, sadio e forte. O sangue corre livremente nas minhas veias; todos os meus membros obedecem a todos os meus caprichos; o corpo e o espírito, de constituição própria para uma longa vida, são robustos. Sim, tudo isto é verdade, e todavia padeço duma enfermidade mortal, duma enfermidade causada pela mão dos homens.

Depois que saí da enfermaria veio-me ao espírito uma ideia persistente, capaz de me enlouquecer: — eu poderia talvez fugir, se me deixassem. Os médicos e as irmãs de caridade pareciam interessar-se por mim. Morrer tão novo e por tal forma! Parece-me que eles se compadeciam de mim, tão solícitos estavam à minha cabeceira. Oh! Esta gente, que cura, é capaz de curar um homem atacado de febre, mas não duma sentença de morte. E entretanto como isso lhes seria fácil! Uma porta aberta, que mal lhes causaria?

Presentemente não há probabilidades, que me sejam favoráveis! Não será deferido o meu recurso, porque tudo estava em regra! As testemunhas depuseram como deviam, os advogados advogaram, como lhes cumpria, e os juizes julgaram bem. Com coisa nenhuma posso contar, salvo se... Não, é loucura! Não há mais esperanças! O recurso é como uma corda, que tem suspenso um homem sobre um abismo e que se ouve estalar a cada instante e que se quebra; seria o mesmo se o cutelo da guilhotina levasse seis semanas para cair!

Se eu obtivesse o meu perdão! Obter o meu perdão? E por quem? Porquê? E como? É impossível, que me perdoem. O exemplo! Como eles dizem, o exemplo é tudo!

Não tenho mais que três passos a dar: Bicêtre, Conciergerie e a praça da Grève!

XVI

Durante as poucas horas, que passei na enfermaria, tinha-me sentado junto duma janela a receber o sol — o Sol havia reaparecido, — ou pelo menos recebendo do sol tudo, o que as grades da janela me deixavam receber.

Estava assim sentado, com a cabeça pesada e abrasada encostada às mãos, que suportavam mais do que podiam, com os cotovelos apoiados nos joelhos e os pés sobre as travessas da cadeira! — Como o abatimento me faz curvar e dobrar, como se eu já não tivesse ossos nos membros ou músculos no corpo!

O cheiro abafado da prisão sufocava-me mais do que nunca e aos meus ouvidos ressoava ainda o ruído das correntes dos forçados. Achava-me cansado de estar em Bicêtre. Parecia-me que Deus deveria ter piedade de mim e enviar-me ao menos um passarinho para chilrear na minha frente, pousado à beira do telhado.

Não sei se foi Deus ou o demónio, que ouviu as minhas súplicas, mas quase ao mesmo tempo ouvi elevar-se por debaixo da janela, onde eu estava, uma voz, não de pássaro, mas ainda melhor; era uma voz pura, sã e meiga de uma menina de quinze anos. Sobressaltado levantei a cabeça e pus-me a escutar a canção, que ela estava cantando. A música era pausada e lânguida, como um arrulho triste e pesaroso. As palavras eram as seguintes:

C'est dans la rue du Mail
Où j'ai été coltigé,
Maluré,
Par trois coquins de railles,
Lirlonfa malurette,

Sur mes siqué ont foncé,
Lirlonfa maluré.

Eu não poderei dizer quão amargo foi o meu desapontamento.
A voz continuou:

Sur mes siqué ont foncé
Maluré
Ils m'ont mis la tartouve,
Lirlonfa malurette,
Grand Meudon est aboulé,
Lirlonfa maluré.
Dans mon trimin rencontre
Lirlonfa malurette,
Un peigre du quartier
Lirlonfa maluré.

Un peigre du quartier,
Maluré
— Va-t'en dire à ma largue
Lirlonfa malurette,
Que je suis enfourraillé,
Lirlonfa maluré.
Ma largue tout en colère,
Lirlonfa malurette,
M' dit': Qu'as-tu don morfillé?
Lirlonfa maluré.

M' dit': Qu'as-tu don morfillé?
Maluré.
— Jai' fait suer un chêne,
Lirlonfa malurette,
Son auberg j'ai enganté,
Lirlonfa maluré,
Son auberg et sa toquante
Lirlonfa malurette,

Et ses attach's de cés
Lirlonfa maluré.

Et ses attach's de cés,
Maluré. —
Ma largu' part pour Versailles,
Lirlonfa malurette.
Aux pieds d'sa majesté
Lirlonfa maluré
Elle lui fonce un babillard,
Lirlonfa malurette.
Pour m' faire difourrailler,
Lirlonfa maluré.

Pour m' faire difourrailler
Maluré.
— Al! Si j'en difourraille
Lirlonfa malurette,
Ma largue j'entiferai,
Lirlonfa maluré
J'li ferai porter foutange,
Lirlonfa malurette
Et souliers galuchés,
Lirlonfa maluré.

Et souliers galuchés,
Maluré.
Mais grand dabe qui s' fâche,
Lirlonfa malurette,
Dit: — Par mon caloquet
Lirlonfa maluré.
J'li ferai danser une danse
Lirlonfa malurette,
Oú'il n'y a pas de plancher.
Lirlonfa maluré.[8]

Não ouvi, nem mais poderia ouvir. O sentido meio compreendido e meio oculto dessa horrível canção, essa luta do salteador com o guarda, o ladrão que encontra e que manda à mulher com esta horrível mensagem: Assassinei um homem e estou engavetado; essa mulher, que corre a Versailles com um memorial e esse Rei que se indigna e ameaça o culpado de o fazer dançar uma dança de que se não tenha de rir; tudo isso cantado com o ar mais meigo e pela mais harmoniosa voz, que jamais ressoou a ouvidos humanos... Fiquei gelado e aniquilado.

Era uma coisa repugnante ouvir todas essas monstruosas palavras saindo dessa boca vermelha e fresca. Dir-se-ia a baba dum caracol sobre uma rosa.

Não saberei dizer o que experimentei; sentia-me ao mesmo tempo chocado e sensibilizado. O calão da taberna e da calceta, essa língua sangrenta e grotesca, essa hedionda linguagem casada com a voz duma donzela, graciosa transição da voz de criança para a vez da mulher! Todas essas palavras disformes e mal feitas, cantadas a compasso, com harmonia e adornadas de pérolas!

Ah! Como uma prisão é alguma coisa de infame! Há um veneno que corrompe tudo. Tudo se envilece, até mesmo uma canção duma donzela de quinze anos! Se aí encontrardes uma ave, vê-la-eis com lama nas asas; apanhais uma flor, aspirá-la-eis e ela tem mau cheiro.

XVII

Se eu me pudesse evadir, como correria através dos campos!

Não, não deveria correr. Isso faria que me olhassem e levantaria suspeitas. Pelo contrário, deveria caminhar lentamente, com o rosto erguido, a cantar. Era preciso arranjar uma velha camisola azul de camponês com vivos encarnados. É um bom disfarce. Todos os hortelãos a usam.

Conheço perto de Arcueil um maciço de árvores ao lado duma lagoa, onde, quando eu estava no colégio, vinha com os meus camaradas pescar rãs todas as quintas-feiras. Seria aí, que me esconderia até à noite.

Quando a noite viesse, continuaria o meu caminho. Iria a Vincennes. Não, o rio impedir-me-ia de avançar. Iria a Arpajou. — Seria talvez melhor tomar para o lado de Saint-Germain e ir para o Havre e embarcar para Inglaterra. — Mas de que vale! Chego a Longjumeau... passa um gendarme, pede-me o meu passaporte... Estou perdido!

Ah! Infeliz sonhador, abate então primeiro a parede da grossura de três pés, que te prende! A morte! A morte!

Quando penso que em pequeno vim aqui à Bicêtre para ver o grande poço e os loucos!

XVIII

Enquanto estava escrevendo tudo isto, a minha lâmpada empalideceu; era o dia que vinha. O relógio da capela deu seis horas.

O que é que isto quer dizer? O carcereiro de guarda acaba de entrar na minha prisão; tirou o chapéu, cumprimentou-me, desculpou-se por me vir incomodar e perguntou-me, suavizando o melhor que pôde, a sua voz rude, o que queria eu para almoçar?...

Estremeci... Será já hoje!

XIX

É hoje!

O próprio diretor acaba de me vir visitar. Perguntou-me em que me poderia ser agradável ou útil, exprimiu o desejo de que eu não tivesse nada de que me queixar dele ou dos seus subordinados, informou-se com interesse da minha saúde e como tinha eu passado a noite. Ao sair tratou-me por senhor.

É hoje!

XX

Este carcereiro julga que eu não tenho razão de queixa dele, nem dos seus subordinados. Têm razão. Seria maldade queixar-me: eles fazem a sua obrigação, guardaram-me bem; de resto foram delicados à entrada e à saída. Não devo estar satisfeito?

Este bom carcereiro com o seu sorriso benigno, as suas palavras meigas, o seu olhar, que afaga e espiona, as mãos largas e grossas, é a encarnação do cárcere, é Bicêtre transformada em homem. Tudo é prisão à volta de mim; acho-a sob todas as formas, tanto nos homens, como nas grades ou nos ferrolhos. Esta parede, é a prisão de pedra; esta porta é a prisão de madeira; estes carcereiros são a prisão em carne e osso. A prisão é uma espécie de ser horrível, completo, indivisível, metade casa, metade homem. Eu sou a sua presa; ela esconde-me, enlaça-me nas suas dobras, encerra-me sob as suas muralhas de granito, prende-me com as suas fechaduras de ferro e vigia-me com os seus olhos de carcereiro.

Ah! Miserável! Que será de mim? O que vão eles fazer de mim?

XXI

Agora estou sossegado. Tudo está acabado, bem acabado. Saí da horrível ansiedade, em que me lançara a visita do diretor. Porque, devo confessá-lo, ainda tinha esperança. — Agora, louvado Deus, já nada espero.

Eis o que se passou:

No momento em que soavam as seis horas e meia — não, menos um quarto, — a porta da minha cela tornou-se a abrir. Um velho de cabelo branco, com um casacão escuro, entrou. Entreabriu o casacão e vi uma sotaina e uma volta. Era um padre.

Este padre não era o capelão de prisão. Isto era sinistro.

Sentou-se na minha frente com um sorriso benévolo; depois abanou a cabeça e levantou os olhos para o céu, isto é, para a abobada da prisão. Compreendi-o.

— Meu filho, está preparado? — disse-me ele. Respondi-lhe com voz fraca:

— Não estou preparado, mas estou pronto.

Contudo a vista perturbou-se-me, um suor frio gelou-me ao mesmo tempo todos os meus membros, senti as fontes a latejarem e os ouvidos encheram-se de sussurros.

Enquanto eu vacilava sobre a minha cadeira, como adormecido, o bom velho ia falando. Pelo menos pareceu-me e creio que me recordo de lhe ter visto mexer os lábios, as mãos agitarem-se-lhe e os olhos brilharem-lhe.

De novo se abriu a porta. A bulha dos ferrolhos a abrirem-se arrancou-me a mim do entorpecimento, em que me encontrava, e a ele do discurso; apresentou-se diante de nós um sujeito vestido de preto, acompanhado pelo diretor da prisão, cumprimentando-me profundamente. Este homem tinha no rosto alguma coisa da tristeza oficial dos empregados das agências funerárias. Trazia na mão um rolo de papéis.

— Senhor — disse ele com um sorriso de cortesia, — sou o meirinho do Real Tribunal de Paris e venho trazer-lhe uma mensagem da parte do senhor procurador geral.

A primeira surpresa estava passada. Eu tinha já readquirido toda a minha presença de espírito.

— Do senhor procurador geral, — respondi, — que com tanta insistência pediu a minha cabeça? Grande honra sinto por me ter escrito. Espero que a minha morte lhe há de causar grande prazer, pois injurioso seria o pensamento de que ele a pedisse com tanto ardor, sendo-lhe no entanto indiferente.

Depois de dizer tudo isto, continuei com voz firme:

— Faz favor de ler.

O homem pôs-se a ler um longo texto, cantando no fim de cada linha, hesitando no meio de cada palavra. Era a denegação de provimento do meu recurso.

— A sentença será hoje executada na praça da Grève, — acrescentou ele, quando acabou a leitura, mas sem levantar os olhos do papel selado. — Partiremos às sete horas e meia para a Conciergerie. Quer ter a bondade de me seguir, senhor?

Por alguns instantes desviei a minha atenção do que ele me estava dizendo. O diretor estava conversando com o padre; o meirinho tinha os olhos pregados no papel, que estivera lendo; e eu

olhava para a porta, que tinha ficado aberta... Ai! Infeliz de mim! No corredor estavam quatro soldados!

O meirinho tornou a repetir o convite, que tinha feito, mas desta vez olhou para mim.

— Quando quiser. — respondi. — Às suas ordens.

Ele saudou-me, dizendo:

— Daqui a meia hora terei a honra de o vir buscar.

Então fiquei só.

— Um meio para fugir, meu Deus! Um meio, seja qual for! É preciso que eu fuja! É preciso! E já! Pelas portas, pelas janelas, pelo madeiramento do teto... Oh! Que me importava a mim deixar a carne em pedaços pelas vigas!

Ó raiva! Ó maldição! Seriam necessários meses para fazer um rombo nesta parede, e o que o quisesse fazer, devia estar munido de bons instrumentos e eu não tenho nem um prego, nem uma hora!

XXII

Da Conciergerie.

Eis-me transferido, como diz o termo. A viagem porém vale a pena ser narrada.

Davam sete horas e meia, quando tornou aparecer o meirinho à porta da minha prisão.

— Estou às suas ordens, — disse-me ele.

Quem me esperava, era ele e outros.

Levantei-me e dei um passo; pareceu-me, que não poderia dar segundo, tanto a minha cabeça estava pesada e as pernas fracas. Contudo cobreí ânimo e continuei com passo bastante firme. Antes de sair da minha cela, lancei-lhe uma última vista de olhos. — Já tinha amor à minha prisão — e depois deixava-a vazia e aberta e isto dá um aspeto diferente a uma prisão.

Também não estará por muito tempo vazia e aberta? Espera-se alguém esta tarde — como estavam dizendo os carcereiros, — um condenado, que o tribunal está agora mesmo a julgar.

Na volta do corredor encontramos-nos com o capelão, que se vinha reunir a nós. Tinha acabado de almoçar.

Quando saímos da cadeia, o diretor tocou-me afetuosamente na mão, e reforçou a escolta com quatro veteranos.

Ao passar pela porta da enfermaria, um velho moribundo gritou-me: — Até à vista.

Chegámos ao pátio. Respirei livremente, o que me fez bem.

Não andámos por muito tempo ao ar. Uma carruagem com cavalos de posta estava no primeiro pátio; era a mesma que me tinha trazido. É uma espécie de carro oblongo, dividido em duas secções por uma grade transversal de fio de ferro tão espessa, que parece tecida, como renda. Cada uma das duas secções tem uma porta, uma na frente, outra nas traseiras do carro. Estava tão sujo, tão negro tão empoeirado, que, à vista dele, o churrião dos pobres é um coche próprio para uma sagração.

Antes de me sepultar neste túmulo de duas rodas lancei a vista pelo pátio — um desses olhares desesperados, que parece deveriam abater muros. O pátio, espécie de pequena praça rodeada de árvores, estava ainda mais cheio de espetadores, do que no dia em que saíram os forçados. Já a multidão me começa a perseguir!

Como no dia em que eles principiaram a sua viagem, caía também uma chuva fria e gelada, que ainda agora no momento em que estou escrevendo, continua a cair e que sem dúvida cairá todo o dia e durará mais do que eu.

Os caminhos estavam, como o pátio, cheios de lama e água. Senti prazer em ver os espetadores chapinhando nessa lama.

Entrámos no carro, o meirinho e um gendarme no compartimento da frente, o padre, eu e um outro gendarme no outro. Quatro gendarmes a cavalo iam à roda do carro. Assim, sem contar o cocheiro, havia oito homens para um.

Enquanto eu ia entrando para o carro, ouvi uma velha de olhos pardos dizer:

— Gosto mais de ver isto, que os forçados.

Concordo. Isto é um espetáculo, que se abrange mais facilmente com um olhar, pode ser visto mais depressa. Tem a

mesma beleza, que o outro, mas com mais comodidade. Nada distrai a atenção; há só um homem e esse homem sozinho oferece tanta desgraça em espetáculo, quanta a de todos os forçados reunidos. Unicamente tem uma diferença: o espetáculo de hoje, é menos dividido; é um licor concentrado, muito mais saboroso.

O carro começou a rodar. Causou um ruído surdo, quando passou pela abobada da porta principal e depois desembocou na avenida; os pesados portões da Bicêtre fecharam-se atrás dele. Eu sentia num entorpecimento, que me levavam, como um homem, que caiu em letargia e que se não pode mover, nem gritar, conhecendo, que o estão enterrando. Era um som vago, medido e como soluçado, que me chegava aos ouvidos, o das guizeiras dos cavalos; indistintamente ouvia o som das rodas ferradas sobre a calçada ou os tropeções quando as faziam mudar de carril; também não distinguia a bulha do galope sonoro dos gendarmes, nem os estalos do chicote do cocheiro. Julgava-me levado num turbilhão.

Através de um buraco da grade, que havia na minha frente, fixei os olhos na inscrição gravada em grossas letras sobre a porta principal da Bicêtre: HOSPÍCIO DA VELHICE.

— Muito bem, — pensei, — parece que há gente que envelhece nesse lugar.

E como acontece, quando o homem nem dorme, nem está acordado, o meu espírito entorpecido pela dor, pôs-se a examinar essa ideia sob todos os aspetos. De repente o carro, mudando de rua, mudou o aspeto do que eu podia ver. Apareceram então as torres da igreja de Nossa Senhora, azuis e meio encobertas pelo nevoeiro de Paris. Imediatamente o meu espírito mudou também de pensamento; nenhuma diferença havia entre mim e o carro; eu era, como ele, uma máquina. À ideia da Bicêtre sucedeu-se a das torres da igreja de Nossa Senhora! — Os que estiverem no alto da torre da bandeira, devem ver muito, — dizia eu com um estúpido sorriso pintado nos lábios.

Creio que foi neste momento que o padre me começou a falar; deixei-o falar. Aos meus ouvidos já chegava distintamente a bulha das rodas, o galope dos cavalos e o estalar do chicote do cocheiro: — era uma bulha demasiada.

Em silêncio ia escutando essa série de palavras monótonas, que me adormeciam o pensamento, como o murmúrio de uma fonte e que passavam por mim sempre diversas e sempre as mesmas, como os tortos ulmeiros da estrada, quando a voz apressada do meirinho, que ia na nossa frente, veio subitamente tirar-me deste estado.

— Então, senhor padre! — disse ele num tom quase alegre — não sabe a novidade?

Era ao padre, que ele dirigia estas palavras.

O capelão, que me falava sem descanso, não ouvindo por causa da bulha, que o carro fazia, não respondeu.

— Oh! Que carro infernal! — exclamou o meirinho, elevando a voz para que ela sobressaísse ao ruído das rodas.

Na verdade era um barulho infernal!

E ele continuou:

— Com certeza que estamos no caos, onde ninguém, se entende! Mas o que lhe queria eu dizer? Tenha a bondade de me lembrar o que eu lhe queria dizer, senhor padre! Ah! Sabe qual é a grande novidade de Paris?

Estremeci como se ele estivesse falando comigo.

— Não, — disse o padre que já tinha ouvido. — Não tive tempo de ler os jornais esta manhã. Só logo à noite é que verei as novidades. Quando, como hoje, tenho que fazer em todo o dia,

recomendo ao porteiro para me guardar os periódicos e leia-os na volta.

— Essa é boa! — tornou o meirinho. — É impossível que não saiba qual é a novidade de Paris! A novidade desta manhã.

Meti-me na conversa e disse:

— Creio que sei que novidade é essa de que fala!

O meirinho olhou para mim.

— Sabe, realmente! Então o que é?

— É muito curioso! — respondi eu.

— Que tem? — disse o meirinho. — Cada qual tem a sua opinião política. Estimo-o bastante e não posso acreditar, que também a não tenha. Eu sou de parecer que se deve restabelecer a guarda nacional. Eu era sargento da minha companhia e juro-lhes que achava bem.

— Não julgava, que fosse essa a novidade, — interrompi eu.

— O quê! Então o senhor não disse, que sabia qual era...

— Eu falava de uma outra de que também hoje se ocupa a cidade de Paris.

O imbecil não compreendeu e por isso se lhe despertou a curiosidade.

— Outra novidade? Onde diabo a pôde saber? Qual é, diga-a por favor. Sabe qual é, senhor padre? Talvez esteja mais ao facto do que eu? Diga qual é, peço-lhe. De que se trata?... Bem vê que gosto de novidades; sou eu quem as conta ao senhor presidente, que se diverte muito com elas.

E assim foi continuando a dizer mil disparates. Ora se voltava para o padre, ora para mim; eu só lhe respondia encolhendo os ombros.

— Então em que pensa? — perguntou-me.

— Penso que esta tarde já não pensarei mais.

— É isso! Ora deixe-se de tristezas! O senhor Castaing conversava...

Calou-se e só depois de alguns minutos continuou:

— Eu acompanhei o senhor Papavoine, que trazia um boné de lontra, e que vinha fumando um charuto. Os moços da Rochela só falavam uns com os outros, mas falavam.

Fez uma nova pausa e prosseguiu.

— Loucos, entusiastas! Pareciam desprezar todo o mundo. Mas o mancebo está na verdade muito pensativo.

— Mancebo! — disse eu. — Eu sou mais velho que o senhor. Cada quarto de hora, que passa, é um ano que se acrescenta aos meus anos.

Voltou-se para mim, olhou-me por alguns minutos numa estúpida admiração e pôs-se a sorrir grosseiramente.

— Ora vamos! O senhor quer divertir-se. Mais velho do que eu, que posso ser seu avô.

— Não me quero divertir, — respondi com gravidade.

Então ele puxou pela caixa do tabaco.

— Não se zangue. Aqui tem, tome uma pitada e não me guarde rancor.

— Não tenha medo, não terei muito tempo para o odiar.

Neste momento a caixa do tabaco, que ele me estava oferecendo, bateu de encontro à grade, que nos separava. Um solavanco fez que a caixa batesse com muita violência e viesse cair aberta aos pés do gendarme.

— Maldita grade! — exclamou ele; e voltando-se para mim, acrescentou: — Então não é ser desgraçado, perder todo o meu tabaco!

— Eu perco mais do que o senhor! — respondi sorrindo.

O meirinho procurava ajuntar o tabaco, resmungando por entre dentes:

— Mais do que eu! É fácil de dizer! Sem tabaco até Paris, é obra!

O capelão então dirigiu-lhe algumas palavras de consolação e não sei se seria preocupação minha, mas pareceu-me que elas eram a continuação do discurso, que ao princípio me fora dedicado. Pouco a pouco travaram conversa, o padre e o meirinho; deixei-os falar e pus-me a pensar.

Quando chegámos à barreira, apesar da minha contínua preocupação, pareceu-me que em Paris havia mais bulha que de costume.

O carro parou por um momento diante do posto da alfandega e os soldados revistaram-no. Se fosse um carneiro ou um boi, que se levasse para o açougue, seria mister dar-lhe uma bolsa de dinheiro; mas uma cabeça de homem não paga direitos. Passemos adiante.

Passada a circunvalação, o carro largou a trote largo pelas ruas velhas e tortuosas do bairro Saint-Marceau da Cité, que se cruzam, como os mil caminhos dum formigueiro. O rodar do carro pela

calçada destas ruas estreitas tornou-se tão estrondoso e rápido, que não ouvi mais nada do que se passou lá fora. Quando lançava a vista pelo pequeno orifício da grade, parecia-me que a chusma dos que passavam, parava para ver o carro, que era seguido por bandos de garotos. Pareceu-me também ver de tempos a tempos pelos cantos e às esquinas um homem ou uma velha coberta de farrapos, algumas vezes os dois juntos, tendo nas mãos uns maços de folhas impressas, que eram muito procuradas, abrindo eles as bocas para darem um grande grito.

Davam oito horas e meia no relógio do Palácio, na momento em que chegámos ao pátio da Conciergerie; gelei-me de terror à vista da grande escadaria, da capela negra e dos sinistros postigos. Quando o carro parou, julguei que também iam parar as pulsações do meu coração.

Recobrei as forças; abriu-se a porta com a rapidez do relâmpago; saltei da prisão rodante e entrei pela abobada, dando largas passadas, por entre duas filas, de soldados.

À minha passagem já se tinham formado grupos.

XXIII

Enquanto andei pelas galerias públicas do Palácio da Justiça, senti-me quase livre e à minha vontade; toda a minha satisfação desapareceu porém, quando apareceram diante de mim portas baixas, escadas secretas, pátios interiores, longos corredores abafados e silenciosos, por onde só entram os que condenam ou são condenados.

O meirinho acompanhava-me sempre. O padre tinha-me deixado com a promessa de voltar daí a duas horas; tinha ido tratar dos seus negócios.

Conduziram-me ao gabinete do diretor, a quem o meirinho me entregou. Era apenas uma troca. O diretor pediu-lhe que esperasse um instante, dizendo-lhe que tinha caça para lhe entregar, aproveitando assim a volta do carro para Bicêtre. É com certeza o condenado de hoje, aquele que se vai deitar sobre o feixe de palha, que eu não tive tempo de usar.

— Está bem, — disse o meirinho ao diretor. — Esperarei um momento. Faremos os dois autos ao mesmo tempo, o que é melhor.

Enquanto esperavam, encerraram-me num pequeno gabinete junto do diretor. Ali me deixaram só e bem aferrolhado.

Não sei em que estava pensando, nem desde que tempo estava ali, quando uma áspera e violenta gargalhada me tirou da minha meditação.

Levantei os olhos, estremecendo. Afinal não estava só no tal gabinete; estava comigo um homem, que teria pouco mais ou menos cinquenta e cinco anos, de estatura mediana, já encarquilhado e curvo, com a cabeça encanecida, membros fracos,

olhar vesgo e olhos verdes, riso amargo, porco, esfarrapado, seminu, repugnando à vista.

Parece que a porta abrindo-se o tinha atirado lá para dentro, fechando-se sem que eu tivesse dado por nada. Se a morte viesse assim!

Por alguns segundos olhámos fixamente um para o outro; ele continuando com as suas risadas roucas, eu admirado e quase cheio de medo.

Por fim perguntei-lhe:

— Quem é?

— Bonita pergunta! — respondeu ele. — *Um nivelado* (guilhotinado).

— Um nivelado! O que quer isso dizer?

Esta pergunta aumentou-lhe a alegria.

— Quer dizer, — respondeu ele no meio duma gargalhada, — que o *nivelador* (carrasco) daqui a seis semanas brincará com a minha *caixinha das ideias* (cabeça), como vai fazer à tua dentro de seis horas. Ah! Ah! Agora parece que já compreendes.

Na verdade eu estava pálido e tinha os cabelos eriçados. Era o outro condenado daquele dia, o que estavam esperando na Bicêtre, o meu herdeiro.

Ele continuou:

— Que queres tu? é a minha história. Eu sou filho dum bom industrial (ladrão); pena foi que Charlot (carrasco) se desse ao incómodo de lhe pôr um dia a gravata. Era no tempo em que a força reinava pela graça de Deus. Aos seis anos achei-me sem pai, nem

mãe; de verão vagabundeava pela poeira das estradas para apanhar um soldo às carruagens de posta; no inverno caminhava por sobre a lama, aquecendo com o bafo os dedos enregelados; através dos rasgões das calças viam-se-me as pernas. Aos nove anos comecei a servir-me dos meus ganchos (mãos); de tempos a tempos ensaiava uma algibeira, filava um peludo (casaco). Aos dez anos estava oficial (gatuno). Depois adquiri amizades e aos dezassete anos estava já um industrial (ladrão), forçava toupeiras (lojas) e falsificava lagostins (chaves). Prenderam-me e, como tinha idade, mandaram-me para a navegação (galés). É duro estar na calceta, deitar-se a gente sobre uma tábua, beber água clara, comer pão de rala, arrastar um peso imbecil, que para nada serve e sofrer bastonadas e raios de sol. De mais a mais tosquiavam um homem e eu tinha uns cabelos castanhos tão bonitos!... Mas que importa! Concluí o meu tempo. Quinze anos depressa se passam. Tinha eu então trinta e dois anos, quando uma linda manhã me deram um passaporte e sessenta e seis francos, que eu ganhara nos meus quinze anos de galés, trabalhando dezasseis horas por dia, trinta dias por mês e doze meses por ano. Também é-me indiferente. Eu queria ser homem de bem com os meus sessenta e seis francos e havia dentro dos meus farrapos mais belos sentimentos, que dentro de uma serapilheira de raposinho (sotaina de padre). Mas diabo leve o passaporte! Era amarelo e no princípio tinha escrito *forçado que cumpriu sentença*, e era necessário mostrá-lo por onde passava, e apresentá-lo todos os oito dias ao *maire* da aldeia, onde me obrigavam a farejar (viver). Bela recomendação! Um forçado! Todos tinham medo de mim, as crianças fugiam, fechando-se as portas. Ninguém me queria dar trabalho. Comi os meus sessenta e seis francos. Depois foi preciso viver. Mostrei os meus braços rijos para o trabalho e as portas fecharam-se-me. Ofereci os meus serviços por todo o preço. Nada. O que fazer? Um dia tive fome. Dei uma cotovelada na montra dum padeiro; peguei num pão e o padeiro agarrou-me; não comi o pão e fui condenado a trabalhos forçados por toda a vida, com três letras de fogo nas espáduas. — Se a queres ver, mostro-tas. — Chamam eles a isto a *reincidência*. Eis-me pois cavalo de retorno (condenados mais de uma vez). Mandaram-

me para Toulon, mas desta vez com os bonés verdes (condenados por toda a vida). Era preciso evadir-me. Para isso tinha três muros a furar, duas correntes a cortar e tinha um prego. Evadi-me. Deram o tiro de alerta, porque nós somos, como os cardeais de Roma, vestidos de vermelho, e salvam, quando nós partimos. A pólvora foi para os peixinhos. Desta vez nem passaporte amarelo, nem dinheiro. Encontrei companheiros, que ou tinham terminado o seu tempo ou tinham quebrado as cadeias. O seu chefe convidou-me para ser dos dele: eram adoradores do Sol e da Lua (salteadores de estrada). Aceitei e pus-me a matar para viver. Ora era uma diligência, ora uma carruagem de posta, ora um negociante de gado. Roubava-se o dinheiro, deixava-se ir ao acaso o animal ou a carruagem e enterrava-se o homem sob uma árvore, com cuidado para que os pés não aparecessem; depois dançava-se em cima, para que a terra não parecesse movida de fresco. Fui envelhecendo assim, morando nas vinhas, dormindo ao ar livre, encurralado ora neste, ora naquele bosque, ao menos livre, fazendo o que queria. Tudo tem seu fim e tanto vale um, como o outro. Uns gendarmes, uma noite, caçaram-nos. Os meus companheiros deram às gâmbias (fugiram), mas eu, como era o mais velho, fiquei nas garras desses gatos de chapéu agalado. Trouxeram-me para aqui. Tinha passado por todos os degraus da escada, exceto um. Ter roubado um lenço ou morto um homem era já para mim a mesma coisa; havia a aplicar-me ainda a reincidência. Só me faltava passar pelo nivelador (carrasco). O meu caso foi pouco demorado. Palavra! Começava a sentir-me velho e não sirvo para nada. Meu pai casou com a viúva (foi enforcado), e eu retiro-me para a abadia do Monte da Saudade (guilhotina). É a minha história, camarada.

Ao ouvi-lo ficara estúpido. Ele pusera a rir-se mais alto ainda do que no começo e quis agarrar-me na mão. Eu recuei com horror.

— Meu amigo, — disse-me ele, — tens um bom ar. Não te faças de seda diante do baile (guilhotina). Vês, há um mau bocado a passar na praça da Grève, mas isso vai depressa! Eu queria lá estar para te mostrar a cambalhota, que dava. Caramba! Tenho pena de

não poder ser ceifado hoje contigo. É o mesmo padre, que nos há de servir aos dois. É-me indiferente ter os teus restos. Vês, como sou bom rapaz. Hein! Queres ser meu amigo!

E deu um passo para se aproximar de mim.

— Senhor, — respondi eu repelindo-o. — Muito obrigado.

Novas risadas ele deu depois da minha resposta.

— Ah! Ah! *vosseincelência* é um marquês! É fidalgo!

Interrompi-o.

— Meu amigo, preciso recolher-me, deixe-me.

A gravidade das minhas palavras tornou-o de repente pensativo. Acenou a cabeça grisalha e quase calva; depois coçando com as unhas o peito cabeludo, que se mostrava por debaixo da camisa desabotoada, murmurou entre dentes:

— Bem sei! O corvo (padre).

Depois de alguns momentos de silêncio continuou quase timidamente:

— Está muito bem, é um marquês. Mas tem um casaco que não lhe servirá de muito. O carrasco ficará com ele. Dê-mo. Vendê-lo-ei para comprar tabaco.

Tirei o casaco e dei-lho; pôs-se a bater as mãos de contente, numa alegria de criança. Depois vendo que eu ficara em camisa e que tremia de frio, disse:

— Tem frio, senhor, vista isto. Está a chover e molhar-se-ia. Depois é preciso ir com decência sobre a carroça.

Falando assim, tirava a grossa blusa de lã parda e passava-a para mim. Deixei-o fazer o que ele quis.

Então fui-me encostar à parede e não poderia dizer o efeito, que esse homem produzia em mim.

Ele pusera-se a examinar o casaco, que eu lhe tinha dado e a cada momento soltava gritos de alegria.

— As algibeiras são novinhas em folha! A gola está nova! Não o venderei por menos de quinze francos. Que beleza! Tabaco para as minhas seis semanas!

A porta tornou a abrir-se. Vinham-nos buscar aos dois; a mim para me levarem para a câmara, onde os condenados esperam a sua última hora: a ele para o levarem para a Bicêtre.

Meteu-se a rir no meio do piquete, que o devia conduzir, dizendo para os gendarmes:

— Não se enganem; nós mudámos de pele, este senhor e eu. Mas não me tomem em seu lugar. Agora isso não me convinha nada, visto que já tenho tabaco.

XXIV

Esse velho celerado tirou-me o casaco, porque eu não lho dei. Depois deixou-me este farrapo, a sua infame véstia. Por quem me tomarão agora?

Eu não lhe deixei levar o casaco por desleixo ou por caridade. Não, mas porque ele era mais forte do que eu. Se tivesse recusado, ele ter-me-ia batido com as suas mãos fortes.

Ah! Sim! A caridade! Eu estava cheio de maus sentimentos, teria querido poder estrangular com as minhas mãos esse velho ladrão, podê-lo pisar com os meus pés!

Sinto o coração cheio de raiva e amargura. Creio que o fel rebentou. A morte torna-nos maus.

XXV

Trouxeram-me para uma cela, onde não há mais nada do que quatro paredes com muitas grades na janela e ferrolhos na porta, escusado seria dizê-lo.

Pedi uma mesa, uma cadeira e o que é necessário para escrever. Deram-me tudo.

Depois pedi uma cama. O carcereiro olhou-me com um olhar espantado, que parecia dizer: — Para quê?

Contudo armaram uma cama de lona num canto da prisão. Mas ao mesmo tempo um gendarme veio instalar-se no que eles chamam a minha câmara.

Terão medo que eu me enforque com o colchão?

XXVI

São dez horas.

Ó minha querida filha! Ainda mais seis horas e depois estarei morto! Serei alguma coisa de imundo, que andará por sobre a lousa fria dos anfiteatros; uma cabeça que porão para um lado, um tronco que dissearão noutro; depois o que ficar, será metido numa tumba e tudo irá para Clamart.

Eis o que vão fazer de teu pai, esses homens, que me não odeiam, que me lamentam e que me poderiam salvar. Vão-me matar! Compreendes isto, Maria? Matem-me a sangue frio, com cerimonia, para o bem da sociedade. Ah! Meu Deus!

Pobre filha! Vai morrer teu pai, que te amava tanto, teu pai, que beijava o teu pescocinho branco e perfumado, que passava sem cessar as mãos pelos caracóis do teu cabelo de seda, que tomava o teu lindo rosto redondo na mão, que te fazia saltar sobre os joelhos e à noite te juntava as mãozitas para orares a Deus!

Quem te fará isto tudo depois? Quem te amará? Todas as crianças da tua idade terão pai, exceto tu. Como te desacostumarás tu, minha querida, da festa dos teus anos, dos presentes, dos doces e dos beijos? — Como te desacostumarás tu, infeliz órfã, de beber e de comer?

Oh! Se ao menos os jurados a tivessem visto, a minha linda Mariazinha! Teriam compreendido que é preciso não matar o pai duma criança de três anos.

E quando ela for crescida, se lá chegar, no que se tornará? Seu pai será uma das recordações de Paris. Corará de mim e do meu nome; será desprezada, repelida por minha causa, por causa de

mim, que a amo com toda a ternura do meu coração. Ó minha querida Maria bem amada! É bem verdade que terás vergonha e horror de mim?

Miserável! Que crime cometi eu e que crime faço eu cometer à sociedade!

Oh! É bem verdade que vou morrer antes do fim do dia? É bem verdade que sou eu? Este ruído surdo de gritos, que ouço lá fora, esta onda do povo alegre, que se apressa nas ruas, esses gendarmes, que se preparam nos quartéis, esse padre de sotaina negra, esse homem de mãos vermelhas, tudo isto por minha causa! Sou eu que vou morrer! Eu, que estou aqui, que vivo, me mexo, respiro e estou sentado a esta mesa, que se assemelha a qualquer outra e poderia estar noutra sítio; eu, que me toco e me sinto, e cujo vestuário faz as pregas que estou vendo!

XXVII

Se eu ainda soubesse, como isso se faz e de que maneira se morre lá em cima! Mas é horrível, nada sei!

O nome dessa coisa é terrível e nem mesmo compreendo como pude escrevê-lo e pronunciá-lo até agora.

A combinação dessas dez letras, o seu aspeto, a sua fisionomia é bem própria para despertar uma ideia espantosa e o médico da maldição, que a inventou, tinha um nome predestinado.

A imagem, que ligo a essa terrível palavra, é vaga, indeterminada e ainda mais sinistra. Cada sílaba é como uma peça da máquina. Sem cessar construo e destruo no meu espírito o monstruoso madeiramento.

Não me atrevo a fazer uma pergunta, mas é terrível não saber o que é, nem o que se há de fazer. Parece que há uma báscula e que nos deitam sobre o ventre...

Ah! Os meus cabelos tornar-se-ão brancos antes da cabeça me cair!

XXVIII

No entanto entrevi-a uma vez.

Passava eu um dia pela praça da Grève, de carruagem, às onze horas da manhã. De repente o trem parou.

Havia uma grande multidão. Deitei a cabeça pela portinhola. Um povoléu enorme enchia a Grève e o cais e mulheres, homens e crianças estavam de pé sobre o parapeito. Mais alto do que as cabeças via-se uma espécie de estrado de madeira vermelha, que três homens estavam levantando.

Um condenado devia ser executado nesse mesmo dia e estavam preparando a máquina.

Voltei a cabeça antes de ter visto. Ao lado da carruagem havia uma mulher, que dizia para uma criança:

— Olha, repara! O cutelo corre mal e vão untar a calha com uma vela de cebo.

Provavelmente hoje estão fazendo a mesma coisa. Acabam de dar onze horas. Estão untando com certeza a calha!

Ah! Desta vez, desgraçado de mim, não voltarei a cabeça.

XXIX

O meu perdão! O meu perdão! Talvez me perdoem. O rei não me quer mal. Vão buscar o meu advogado? Depressa o meu advogado! Antes quero as galés! Cinco anos de galés — ou vinte anos, — ou por toda a vida com a marca de ferro em brasa. Mas concedam-me a vida!

Ao menos um forçado anda, vive e vê o Sol!

XXX

Voltou o padre.

Tem cabelos brancos, um ar agradável e uma figura boa e respeitável; é na verdade um homem excelente e caridoso. Esta manhã vi-o esvaziar a bolsa nas mãos dos prisioneiros. Mas porque razão é que a sua voz não comove, nem é comovida? Porque razão não me disse ainda nada que me prenda pela inteligência ou pelo coração?

Esta manhã eu estava perturbado. Mal ouvi o que ele me dizia. Contudo as suas palavras pareceram-me inúteis, deixando-me indiferente; deslizaram por mim como essa chuva fria sobre aquele vidro gelado.

Contudo, quando ele, há pouco, entrou, a sua vista fez-me bem. É entre todos estes homens o único, que para mim ainda é um homem, pensei eu. E senti sede de palavras meigas e consoladoras.

Sentámo-nos, ele na cadeira, eu sobre a cama.

— Meu filho... — começou ele. Estas palavras abriram-me o coração. Depois continuou:

— Meu filho, crê em Deus?

— Sim, meu pai, — respondi-lhe.

— Crê na santa igreja católica, apostólica e romana?

— Sim.

— Meu filho, parece que duvida!

Então pôs-se a falar. Durante muito tempo, falou, dizendo muitas palavras. Depois quando julgou ter acabado, levantou-se e olhou-me pela primeira vez desde o começo do seu discurso, interrogando-me:

— Então?

Protesto que o tinha escutado ao princípio com avidez, depois com atenção e por fim com devoção.

Levantei-me também.

— Senhor, — respondi-lhe, — deixe-me só, peço-lhe.

Ele perguntou-me:

— Quando devo voltar?

— Mandá-lo-ei prevenir.

Então saiu sem cólera, mas abanando a cabeça, como dizendo consigo mesmo:

— Um ímpio!

Não, por mais baixo, que tenha caído, eu não sou um ímpio e Deus é testemunha de que acredito nele. Mas o que me disse esse velho? Nada de sentido, de terno, de comovedor, qualquer coisa arrancada da alma, que viesse do seu coração ao meu. Ao contrário, não sei quê de vago, de indeciso e de aplicável a tudo e a todos; havia tanta ênfase, quando era necessário que fosse profundo, desenxabido, quando devia ser simples. Era uma espécie de sermão sentimental e de elegia teológica. Às vezes uma citação latina dita em latim. Santo Agostinho, São Gregório, que sei eu? E depois tinha o ar de quem recitava uma lição já vinte vezes repetida, de recordar um tema obliterado na sua memória à força de ser sabido. Nem um

olhar, nem uma mudança de entoação na voz, nem um gesto das mãos.

E como poderia ser doutra forma? Este padre é o capelão da prisão. A sua profissão é consolar e exortar; vive disso. Os forçados, os pacientes são o auditório da sua eloquência. Confessa-os e assiste-lhes aos últimos momentos, porque tem de cumprir o seu dever. Envelheceu a levar homens à morte. Desde muito tempo que está habituado àquilo que faz tremer os outros; os seus cabelos, bem empoados de branco, não se eriçam já; a grilheta e o cadafalso, vê-os todos os dias. Provavelmente tem o seu registo; nestas páginas os forçados; nas outras os condenados à morte. Na véspera previnem-no de que tem alguém a consolar no dia seguinte a tais horas; pergunta quem é, forçado ou supliciado? E relê a página. Depois vem. Deste modo sucede que os que vão para Toulon, como os que vão para a Grève, são para ele uma vulgaridade e ele é uma vulgaridade para eles.

Oh! Que em vez deste padre me tragam um vigário moço, algum velho cura, ao acaso, da primeira igreja, que se encontrar; que o vão buscar ao canto do seu lar, a ler o seu livro, sem esperar por nada e que lhe digam:

— Há um homem, que vai morrer, e é preciso que o vá consolar. É preciso que esteja junto dele, quando lhe atarem as mãos e cortarem os cabelos; que suba para a carreta com o seu crucifixo para lhe ocultar a vista do carrasco; que seja massacrado com ele até a praça da Grève; que atravesse com ele a horrível multidão sedenta de sangue; que o abrace junto do cadafalso e que aí permaneça até que a sua cabeça vá para um lado e o corpo para outro.

Que venha então palpitante, tremendo da cabeça aos pés; que me deixem nos seus braços, aos seus pés; e ele chorará, choraremos ambos; será eloquente e eu ficarei consolado, o meu

coração abrir-se-á no seu, tomará a minha alma e eu tomarei o seu Deus.

Mas este bom velho o que é ele para mim? O que sou eu para ele? Um indivíduo da espécie desgraçada, uma sombra, como já viu tantas, uma unidade a juntar ao número das suas execuções.

Talvez não tivesse razão de o repelir assim; sou eu talvez que sou mau e ele é que é bom! Ai de mim! A culpa não é minha. É o meu hálito de condenado, que corrompe e fana tudo.

Acabam de me trazer a comida; julgavam que eu devia ter precisão dela. Uma refeição delicada e esquisita: um frango, parece-me, e ainda uma outra coisa. Quis ver se comia, mas ao primeiro bocado tudo me caiu da boca, tão amargo e fétido me pareceu!

XXXI

Acaba de entrar um sujeito com o chapéu na cabeça, que mal olhou para mim, e que abriu um pé de rei [9] e se pôs a medir as paredes de alto a baixo, falando em voz alta e dizendo: *É isto*, ou *Não é isto*.

Perguntei ao gendarme, quem era. Parece que é uma espécie de ajudante do arquiteto empregado na prisão.

Também ele teve curiosidade de saber, quem eu era. Trocou algumas palavras com o carcereiro, que o acompanhava; depois fixou um momento os olhos em mim, abanou a cabeça com indiferença e voltou a falar em voz alta e a tomar medidas.

Acabada a sua tarefa, aproximou-se de mim, dizendo-me na sua voz sonora:

— Meu amigo, daqui a seis semanas esta prisão estará melhor.

E o seu gesto parecia ajuntar:

— É pena, que a não possa aproveitar.

E quase sorria. Julguei por um momento, que ia gracejar comigo, como se graceja com uma noiva, na noite do casamento.

O gendarme, soldado envelhecido no serviço, encarregou-se da resposta.

— Senhor, — disse ele, — não se fala tão alto na câmara dum morto.

O arquiteto foi-se. — Eu fiquei como uma das pedras, que ele acabara de medir.

XXXII

Depois sucedeu-me uma coisa ridícula.

Vieram render o meu velho gendarme, a quem — como estou ingrato e egoísta — nem sequer apertei a mão. Um outro o veio substituir, um homem de fronte deprimida, olhos de boi e rosto inepto.

De resto eu pouca atenção lhe dera. Estava de costas voltadas para a porta, assentado à mesa; procurava com a mão refrescar a cabeça e o meu espírito perturbado com os seus pensamentos.

Uma ligeira pancada nas costas, fez-me voltar a cabeça. Era o novo gendarme, com quem eu estava sozinho.

Eis pouco mais ou menos como ele se me dirigiu.

— Criminoso, tem bom coração?

— Não, — respondi-lhe.

O tom brusco da minha resposta pareceu desconcertá-lo. Contudo hesitando, continuou:

— Ninguém é mau só pelo prazer de o ser.

— Porque não? — repliquei eu. — Se é só isso que tem para me dizer, deixe-me. Aonde é que quer chegar?

— Desculpe, meu criminoso, — respondeu ele. — Só duas palavras. O caso é este. Se pudesse fazer a felicidade dum pobre homem e isso lhe não custasse nada, não a faria?

Eu encolhi os ombros.

— O senhor veio de Charenton? [10] Escolheu um singular vaso para beber a felicidade. Eu, fazer a felicidade de alguém!

Ele baixou a voz e tomou um ar misterioso, que se não casava bem com a sua figura de idiota.

— Sim, criminoso, sim, a felicidade e a fortuna. Tudo isso me virá de si. O caso é este. Eu sou um pobre gendarme. O serviço é pesado e a paga pequena; o cavalo, que me dão, é a minha ruína. Para contrabalançar as despesas jogo na loteria. É necessário arranjar mais alguma coisa além do ordenado. Até aqui só me faltaram os bons números para ganhar. Por toda a parte eu procuro os melhores, mas a sorte dá-me sempre as aproximações. Se compro o 76, sai o 77. Por mais que eu faça, eles não vem... Tenha paciência, eu termino já. — Ora esta é uma bela ocasião para mim. Desculpe, criminoso, mas parece, que o senhor acaba hoje. É certo que os mortos, que morrem assim, veem antes a sorte grande. O que é que lhe faz, vir cá amanhã à noite? Dê-me três números, três números bons, hein? — Eu não tenho susto, descanse. Eis a minha morada: Quartel Popincourt, escada A, n.º 76, ao fundo do corredor. Conhece-me bem, não é verdade? — Venha mesmo esta noite, se lhe agradar mais.

Eu teria deixado de responder a este imbecil, se uma louca esperança me não tivesse atravessado o espírito. Na posição desesperada em que me encontro, crê-se por momentos, que se cortaria uma corrente com um cabelo.

— Escuta, — disse-lhe eu representando tanto quanto o pode fazer aquele, que vai morrer, — com efeito eu posso tornar-te mais rico, que o rei, fazer-te ganhar milhões. Com uma condição.

Ele abria uns olhos enormes e estúpidos.

— Qual é? Qual é? Farei tudo o que lhe agradar, meu criminoso.

— Em lugar de três números, prometo-te quatro. Troca os teus fatos comigo.

— Se é só isso! — exclamou ele desabotoando os primeiros botões do uniforme.

Eu tinha-me levantado da cadeira. Observava todos os seus movimentos com o coração a palpitar. Via já as portas a abrirem-se diante do uniforme de gendarme, a praça, a rua e o Palácio de Justiça por detrás de mim.

Mas ele deteve-se com um ar indeciso.

— Mas isso não é para sair daqui?

Compreendi, que tudo estava perdido. Contudo tentei um último esforço, bem inútil e bem insensato!

— É isso, mas a tua fortuna está feita.

Ele interrompeu-me.

— Mas não! E os meus números! Para eles serem bons, é preciso que esteja morto.

Tornei a sentar-me mudo e ainda mais desesperado por mais uma esperança, que tivera.

XXXIII

Fechei os olhos e com as mãos sobre eles procurei esquecer, esquecer o presente no passado. Enquanto sonho, as recordações da minha infância e da minha mocidade vêm-me uma a uma, suaves, calmas, risonhas, como ilhas de flores neste lamaçal de pensamentos negros e confusos, que turbilhonam no meu cérebro.

Torno a ver-me ainda criança, estudante risonho e fresco, brincando, correndo, gritando com os meus irmãos na grande rua verde desse jardim selvagem onde decorreram, os meus primeiros anos, antigamente uma cerca de religiosas, que domina com a sua cabeça de chumbo o sombrio zimbório de Val-de-Grâce.

E depois quatro anos mais tarde eis-me, ainda criança, mas já sonhador e apaixonado. Há uma menina no solitário jardim.

A pequena espanhola com os seus grandes olhos e os seus grandes cabelos, a sua pele morena e dourada, os lábios vermelhos e as faces rosadas, a andaluza de quatorze anos, Pepa!

As nossas mães disseram-nos para irmos correr juntos; nós fomos passear.

Disseram-nos para brincar e nós pusemo-nos a conversar, crianças da mesma idade, mas não do mesmo sexo.

Contudo ainda não há um ano, nós corríamos e bulhávamos juntos. Eu disputava com Pepita por causa da melhor maçã do pomar; batia-lhe por um ninho de pássaro. Ela chorava e eu dizia-lhe: — É bem feito! E íamos ambos fazer queixa às nossas mães, que nos não davam razão em voz alta, mas que no-la davam em voz baixa.

Agora ela encosta-se ao meu braço e eu sinto-me altivo e comovido. Caminhamos lentamente, falando em voz baixa. Ela deixa cair o lenço; eu apanho-lho. As nossas mãos tremem ao tocarem-se. Ela fala-me de avezinhas, da estrela, que se vê lá longe, do crescente vermelho, que se vê por detrás das árvores, ou então das suas amigas de colégio, dos seus vestidos e das suas fitas. Dizemos coisas inocentes e coramos ambos. A menina tornou-se donzela.

Nessa tarde, — era uma tarde de estio, — nós estávamos debaixo dos castanheiros, ao fundo do jardim. Depois dum desses longos silêncios, que sempre havia nos nossos passeios, ela de repente deixou o meu braço e disse-me:

— Corramos!

Ainda a vejo, toda de preto, de luto por sua avó. Passara-lhe pela cabeça uma ideia de criança, Pepa tornou-se Pepita e disse-me: — Corramos!

E pôs-se a correr adiante de mim com a sua figura esbelta, com uma cintura de abelha e os pezitos, que lhe levantavam o vestido até meio da perna. Eu perseguia-a, ela fugia-me; o vento da carreira levantava-lhe por vezes a mantilha preta deixando-me entrever as costas morenas e frescas.

Eu estava fora de mim. Alcancei-a junto duma velha ponte em ruínas; tomei-a pela cintura, com o direito da vitória e fi-la assentar num banco de relva; ela não resistiu. Estava esbofada e risonha. Eu estava sério e olhava para as suas pupilas negras através dos cílios negros.

— Assente-se aqui, — disse-me ela. — Ainda é dia e vamos ler qualquer coisa. Tem aí algum livro?

Eu tinha comigo o tomo segundo das Viagens de Spallanzani. Abri-o ao acaso, aproximei-me dela, que se encostou a mim, e pusemo-nos a ler a mesma página cada um do seu lado, baixinho.

Antes de voltar a folha, ela era sempre obrigada a esperar por mim. O meu espírito caminhava mais lentamente, que o seu.

— Acabou? — perguntava-me ela, mal eu começara.

As nossas cabeças tocavam-se, os cabelos confundiam-se, os nossos hálitos aproximavam-se e bruscamente as nossas bocas uniram-se.

Quando quisemos continuar a leitura, o céu estrelara-se.

— Oh! Mamã, mamã, — disse ela ao entrar em casa, — se tu visses, como nós corremos!

Eu conservava-me silencioso.

— Tu não dizes nada, — disse-me minha mãe. — Estás triste?

Eu tinha o paraíso no coração.

Foi uma tarde de que toda a minha vida me recordarei.

Toda a minha vida!

XXXIV

Deram agora horas, mas não sei quantas; mal oiço o martelo do relógio. Parece-me ter nos ouvidos um barulho de órgão; são os meus últimos pensamentos, que sussurram.

No momento supremo em que me recolho com as minhas recordações, contemplo o meu crime com horror. Quisera arrepende-me ainda mais. Mas antes da minha condenação sentia mais remorsos. Depois dela só me parece haver lugar para pensamentos de morte. E é por isso que eu quereria ter maior arrependimento.

Quando penso na minha vida e no golpe, que daqui a pouco a deve terminar, estremeço como se esta ideia fosse nova. A minha bela infância! A minha mocidade, estofo doirado, ensanguentado numa das extremidades. Entre o passado e o presente há um rio de sangue: — o sangue do outro e o meu.

Se algum dia a minha história for lida, depois de tantos anos de inocência e de felicidade, ninguém poderá dar crédito a este ano execrável, que começa por um crime e acaba num suplício. Este ano não é irmão dos outros.

E contudo eu não era mau, miseráveis leis e miseráveis homens!

Oh! Morrer, dentro de poucas horas e pensar que, há um ano, neste mesmo tempo eu era livre e sem mácula; dava os meus passeios de outono, andando à sombra das árvores e por cima das folhas!

XXXV

E neste mesmo momento há junto de mim casas, que rodeiam o palácio e a praça da Grève, e por toda a parte em Paris, há homens, que vão e vêm, conversam e riem, leem os jornais e pensam nos seus negócios; negociantes, que vendem os seus produtos; donzelas, que preparam as suas *toilettes* para o baile desta noite e mais, que estão brincando com os filhos!

XXXVI

Lembro-me de que um dia, quando era pequeno, fui ver o sino grande de Nossa Senhora.

Eu estava já aturdido por ter subido a escura escada de caracol, por ter percorrido a fraca galeria, que une as duas torres e por ter tido Paris debaixo dos pés, quando penetrei na torre de pedra e madeira, donde pende o sino, cujo badalo pesa mil arráteis.

Avancei tremendo por sobre as tábuas mal unidas, olhando a distância para esse sino tão famoso entre as crianças e o povo de Paris, e notei, não sem terror, que os anteparos de ardósia, que cercam a torre, um tanto inclinados, estavam ao nível dos meus pés. Nos intervalos via eu quase em linha reta a praça do adro de Nossa Senhora e a gente que ia passando, do tamanho de formigas.

De repente o enorme sino soou; uma profunda vibração moveu o ar e fez oscilar a pesada torre. O soalho de vigas ressaltou e a bulha quase me deitou ao chão. Cambaleei e quase ia rolando pelos inclinados anteparos de ardósia. Cheio de medo deitei-me sobre as tábuas, abraçando-me com elas sem dizer palavra, sem respirar, com o formidável som nos ouvidos e diante dos olhos o precipício, a profunda praça por onde passava tanta gente pacífica e invejada.

Parece-me que hoje estou novamente na torre do sino grande. Sinto ao mesmo tempo atordoamento e tortura; parece que o som dum sino abala os íntimos recessos do meu cérebro e em volta de mim já não distingo essa vida chã e tranquila, que deixei e por onde outros homens caminham afastados, por entre as fendas dum abismo.

XXXVII

O edifício da câmara é um edifício sinistro.

Com o seu telhado agudo e íngreme, uma torre extravagante, um grande relógio esbranquiçado, varandas sustentadas por pequenas colunas, mil janelas, escadarias gastas pela passagem, com dois arcos, um à direita e outro à esquerda, está ao mesmo nível da praça da Grève, sombrio, lúgubre, com a fachada corroída pela velhice e tão negra, que mesmo batendo-lhe o sol a sua cor é negra.

Nos dias de execução vomita gendarmes por todas as suas portas e olha para o condenado com todas as suas janelas.

E à noite, o seu relógio, que deu a hora para a execução, permanece luminoso na sua fachada tenebrosa.

XXXVIII

É uma hora e um quarto.

Eis o que eu experimento agora:

Uma violenta dor de cabeça, os rins frios e a testa a esquentar. De cada vez que me levanto ou que me dobro, parece-me que há um líquido que flutua na minha cabeça e que me faz bater o cérebro de encontro às paredes do crânio.

Tenho tremores convulsivos e de tempos a tempos a pena cai-me das mãos, como por um abalo galvânico.

Os olhos ardem-me, como se estivesse no meio do fumo.

Os cotovelos doem-me.

Ainda mais duas horas e quarenta e cinco minutos e estarei curado!

XXXIX

Eles dizem, que não é nada, que se não sofre, que é um fim sereno e que a morte desta maneira é muito simplificada.

O que é então esta agonia de seis semanas e este estertor dum dia inteiro? O que são as angústias deste dia irreparável, que desliza tão lentamente e ao mesmo tempo tão depressa? O que é esta escala de torturas, que vai acabar ao cadafalso?

Aparentemente isto não é sofrer.

Não são as mesmas convulsões, quando o sangue se esvai gota a gota ou a inteligência se extingue pensamento a pensamento?

E que certeza têm eles de que se não sofre? Quem lhes disse? Sucedeu alguma vez uma cabeça guilhotinada levantar-se sangrenta à beira do cadafalso e gritar ao povo: Isto não faz mal!

Há alguns mortos desta maneira, que tenham vindo agradecer-lhes e dizer-lhes: — Foi uma boa invenção. Conservem-na. O mecanismo é bom.

Foi Robespierre? Ou foi Luís XVI?...

Não, nada! Em menos dum minuto, em menos dum segundo está a coisa feita. — Puseram-se eles, ao menos só em pensamento, no lugar daquele, que lá está, no momento em que o pesado cutelo, que cai, morde a carne, retalha os nervos, quebra as vértebras... Mas o quê! Um meio-segundo! A dor é rápida... Que horror!

XL

É singular, que incessantemente estou pensando no rei. Por mais que faça, que ouço uma voz ao ouvido, que me repete sempre:

— Há nesta mesma cidade, a esta mesma hora, e não muito longe daqui, num outro palácio, um homem que também tem guardas a todas as portas, um homem único, como tu, entre o povo, com a diferença de que ele está tão alto, quanto tu estás baixo. A sua vida inteira, minuto por minuto, não é senão glória, grandeza, delícias e prazeres. Tudo à volta dele é amor, respeito, veneração. As mais altas vozes se tornam baixas ao falar-lhe e as fronteiras mais altivas curvam-se. Sob os seus olhos só há seda e oiro.

A esta hora está nalgum conselho de ministros, onde todos são da sua opinião; ou então pensa numa caçada para amanhã, no baile desta noite, certo de ter festa e deixando aos outros o trabalho de lhe arranjam prazeres. Pois bem! Este homem é de carne e osso, como tu! — E para que agora mesmo o terrível cadafalso se deitasse a terra, para que te fosse dada a vida, a liberdade, a fortuna e a família, bastaria que ele escrevesse com esta pena as sete letras do seu nome no fundo dum bocado de papel ou mesmo que a sua carruagem encontrasse a tua carreta. — Ele é bom, talvez que estimasse muito ter ocasião de mostrá-lo, mas não verá nada!

XLI

Pois bem! Tenhamos coragem com a morte, tomemos essa terrível ideia com as duas mãos e examinemo-la de frente. Saibamos o que ela é, o que quer, voltemo-la em todos os sentidos, soletremos o seu enigma e olhemos de antemão para o sepulcro.

Parece-me, desde que os meus olhos se fecharem, que verei uma grande claridade e abismos de luz, por onde o meu espírito rolará indefinidamente. Parece-me que o céu será luminoso por sua própria essência, que os astros serão pontos obscuros e que em lugar de serem, como para os olhos vivos, palhetas de oiro sobre veludo negro, parecerão pontos negros sobre pano de oiro.

Ou então, miserável, que eu sou, talvez seja um abismo terrível, profundo, cujas paredes sejam cobertas de trevas e por onde irei caindo indefinidamente, vendo outras formas movendo-se na sombra.

Acordando de repente depois do golpe achar-me-ei talvez sobre alguma superfície plana e húmida, galgando na escuridão e dando voltas sobre mim mesmo, como uma cabeça, que rola. Parece-me que haverá um vento forte, que me impelirá e que andarei aos encontrões com outras cabeças rolantes. De vez em quando haverá mares e rios dum líquido desconhecido e tépido; tudo será negro. Quando os meus olhos, na sua rotação, se voltarem para o alto, só verão um céu sombrio, cujas espessas nuvens pesarão sobre ele e ao longe, no fundo, grandes arcos de fumo mais negros que as trevas. Verão também volitar na noite pequenas estrelas vermelhas, que aproximando-se, se tornarão em aves de fogo. E será assim toda a eternidade.

Também pode ser que em certas épocas os mortos da Grève se reúnam pelas negras noites de inverno na praça, que lhes pertence. Será uma multidão pálida e sangrenta e eu não faltarei. Não haverá Lua e falar-se-á em voz baixa. A casa da câmara lá estará com a sua fachada carunchosa, o seu telhado golpado e o relógio, que não terá tido piedade para todos nós. Na praça haverá uma guilhotina do inferno, onde um demónio executará um carrasco; serão quatro horas da manhã. Por nossa vez nós seremos a multidão à roda dele.

É provável, que seja assim. Mas se os mortos voltam, de que forma voltarão? O que conservarão do seu corpo incompleto e mutilado? O que escolherão? É a cabeça ou o tronco, que é o espetro?

Ai! O que é que a morte faz da nossa alma? O que lhe deixa? O que lhe dá ou lhe tira? Onde a põe? Emprestar-lhe-á algumas vezes olhos de carne para olhar para a terra e chorar?

Ah! Um padre! Um padre que saiba isto! Quero um padre e um crucifixo para beijar!

Meu Deus, é sempre o mesmo!

XLII

Pedi-lhe que me deixasse dormir e deitei-me sobre a cama.

Com efeito eu tinha um mar de sangue na cabeça, que me fez dormir. Era o meu último sono desta espécie.

Tive um sonho.

Sonhei que era noite. Parecia-me que estava no meu gabinete com dois ou três dos meus amigos, não sei quais.

Minha mulher estava deitada no quarto ao lado e dormia com a filha.

Nós falávamos em voz baixa, e o que dizíamos, horrorizava-nos.

De repente pareceu-me ouvir um ruído em qualquer das casas. Era um ruído fraco, estranho e impreciso.

Os meus amigos também tinham ouvido, como eu. Pusemo-nos à escuta: era o ruído duma fechadura, que se abre surdamente, um fecho, que se corre devagar.

Havia alguma coisa que nos gelava; tínhamos medo. Pensámos que talvez fossem ladrões, que se tivessem introduzido em minha casa, àquela hora da noite.

Resolvemos ir ver. Levantei-me e peguei na vela. Os meus amigos seguiam-me, um a um.

Atravessámos o quarto do lado. Minha mulher continuava a dormir com a filha.

Chegámos ao salão. Nada. Os retratos estavam imóveis nas suas molduras de ouro sobre o papel vermelho. Pareceu-me que a porta da casa de jantar não estava no lugar do costume.

Entrámos na casa de jantar; demos a volta. Era eu que ia à frente. A porta da escada estava bem fechada, as janelas também. Quando chegámos junto do fogão, vi que o armário da roupa estava aberto e que a porta estava encostada à parede, como para esconder alguma coisa.

Isto surpreendeu-me. Pensámos que havia alguém por detrás da porta.

Com a mão puxei a porta para a fechar, mas ela resistiu. Admirado puxei com mais força; ela cedeu bruscamente e apareceu uma velhinha, com as mãos caídas, os olhos fechados, de pé, imóvel e como colada ao canto da parede.

Era alguma coisa de horrível e os cabelos põem-se-me em pé só de pensar nisso.

Perguntei à velha:

— O que faz aqui?

Ela não respondeu.

De novo lhe perguntei:

— Quem é?

Ela não respondeu, não se mexeu e ficou com os olhos fechados.

Os meus amigos disseram:

— É com certeza a cúmplice daqueles que entraram cá com más intenções; quando nos ouviram, escaparam-se e ela, como não pôde

fugir, escondeu-se aqui.

Interroguei-a de novo e ela continuou sem voz, sem movimento e sem olhar.

Um de nós deu-lhe um encontrão e ela caiu, duma só vez, como um bocado de pau, como uma coisa morta.

Pusemo-la de pé e depois encostámo-la de novo à parede. Ela não deu nenhum sinal de vida. Gritámos-lhe aos ouvidos e ela continuou muda, como se fosse surda.

Íamos já perdendo a paciência e no nosso terror havia alguma cólera. Um deles disse-me:

— Põe-lhe a vela debaixo do queixo.

Pus-lhe o pavio aceso sob o queixo. Então ela abriu um olho, um olho vazio e terrível, que não olhava.

Tirei a chama e disse-lhe:

— Ah! Finalmente respondes, velha bruxa? Quem és tu?

O olho tornou a fechar-se, como por si próprio.

— É demais, — disseram os outros. — Põe outra vez a vela! é preciso que fale.

Tornei a pôr a luz sob o queixo da velha.

Então ela abriu lentamente os dois olhos, olhando-nos a todos, uns depois dos outros; depois abaixando-se bruscamente apagou a vela num sopro gelado. No mesmo instante senti três dentes agudos ferrando-se-me na mão, no meio das trevas.

Acordei a tremer e banhado em suor frio.

O bom do capelão estava assentado ao pé do meu leito e lia um livro de orações.

— Dormi muito tempo? — perguntei-lhe.

— Meu filho, — disse-me-ele, — dormiu uma hora. Trouxeram agora sua filha. Está no quarto aqui ao lado à sua espera. Eu não quis que o acordassem.

— Oh! — exclamei eu. — A minha filha! Tragam-me a minha filha!

XLIII

Como ela é fresca, rosada e bela e com uns grandes olhos!

Vestiram-lhe um vestidinho, que lhe fica bem.

Peguei nela, levantei-a nos braços, assentei-a nos joelhos, beijei-a nos cabelos.

Porque não veio com a mãe? — A mãe está doente, a avó também. Está bem.

Ela olhava para mim com um ar espantado; acariciada, abraçada, devorada com beijos, olhava-me indiferentemente, lançando de tempos a tempos um olhar inquieto para a ama, que estava a chorar num canto.

Finalmente pude falar.

— Maria! Minha querida Maria! — disse-lhe.

E apertei-a violentamente contra o peito, arfando de soluços. Ela deu um pequeno grito.

— Oh! O senhor está-me a fazer mal — disse.

Senhor! e há um ano, que ela me não vê, pobre filha. Esqueceu-se de mim, do meu rosto, da minha fala, da minha voz; e depois quem seria capaz de me reconhecer com esta barba, estes fatos, e esta palidez?

O quê! Já deixei de existir nesta memória, a única, onde eu teria querido viver! O quê! Já não sou pai! Ser condenado a não

mais ouvir essa palavra, palavra da linguagem das crianças, tão suave, que não pode existir na linguagem dos homens: *papá!*

E no entanto ouvi-la dessa boca, mais uma vez, uma única vez, eis tudo o que eu teria pedido pelos quarenta anos de vida, que me vão tirar.

— Escuta, Maria, — disse-lhe eu tomando as suas pequeninas mãos nas minhas, — já não me conheces?

Ela olhou-me com os seus belos olhos e respondeu:

— Não!

— Olha bem para mim, — repeti eu. — O quê, não sabes quem eu sou?

— Sim, — disse ela. — É um senhor.

Ai de mim! Amar ardentemente um só ser no mundo, amá-lo com todo o nosso amor, tê-lo diante de nós, olhá-lo e vê-lo, falar-lhe e responder-lhe e não nos reconhecer! Só dele querer consolação sem que ele saiba, que essas consolações nos são necessárias, porque se vai morrer!

— Maria, tens papá? — perguntei-lhe.

— Sim, senhor, — respondeu a criança.

— Então onde está ele?

Ela levantou os grandes olhos cheios de admiração.

— Ah! Não sabe? Morreu.

Depois deu um grito; eu ia-a deixando cair.

— Morto! — dizia eu. — Maria, sabes o que é estar morto?

— Sim, senhor, — respondeu ela. — Estar na terra e no céu.

Depois continuou:

— Todas as noites e todas as manhãs peço ao bom Deus por ele, nos joelhos da mamã.

Beijei-a na testa.

— Maria, diz me a tua oração.

— Não posso, senhor. Uma oração não se pode dizer de dia. Venha esta noite a minha casa e dir-lha-ei.

Era de mais e por isso interrompi-a.

— Maria, sou eu o teu papá.

— Ah! — disse ela.

— Queres que seja o teu papá? — ajuntei.

A criança voltou-se.

— Não, o meu papá era mais bonito.

Cobri-a de beijos e de lágrimas. Ela procurou soltar-se dos meus braços, gritando:

— O senhor faz-me mal com a barba.

Então tornei a sentá-la nos meus joelhos, fixando nela os olhos.

E pus-me a interrogá-la.

— Sabes ler, Maria?

— Sim, — respondeu ela. — Sei ler bem. A mamã faz-me ler os meus livros.

— Vamos, lê um pouco. — disse-lhe eu mostrando-lhe um papel, que ela tinha enrolado numa das mãos.

Ela sacudiu a bonita cabeça.

— Eu só sei ler fábulas.

— Experimenta sempre. Vamos, lê.

Ela desdobrou o papel e pôs-se a soletrar com o dedito.

— S, E, N, *sen*, T, E, N, *ten*, Ç, A, *ça*, *sentença*...

Arranquei-lhe o papel das mãos. Era a minha sentença de morte, que ela estava lendo. A ama comprara-lhe o papel por um soldo. A mim me custava ele mais caro.

Não há palavras para exprimir o que eu estava experimentado. A minha violência aterrara-a e estava quase a chorar. De repente disse-me:

— Dê-me o meu papel! É para brincar.

Entreguei-a à ama e disse lhe:

— Leve-a.

E tornei a cair na minha cadeira, sombrio, solitário, desesperado. Agora podem vir! Já nada me detém; a última fibra do meu coração acaba de se quebrar. Estou bom para o que eles vão fazer.

XLIV

O padre é bom e o gendarme também. Creio que eles derramaram uma lágrima, quando eu disse, que levassem a minha filha.

Está tudo acabado. Agora é preciso que me concentre em mim mesmo e que pense friamente no carrasco, na carreta, nos gendarmes, na multidão sobre a ponte, na multidão do cais, na multidão das janelas e na que está de propósito à minha espera nessa lúgubre praça da Grève, que poderia ser empedrada com as cabeças que já viu cair.

Creio que tenho ainda uma hora para me habituar a tudo isso.

XLV

Todo o povo se rirá, batendo as mãos e aplaudindo. E entre todos esses homens, livres e desconhecidos dos carcereiros, que correm cheios de alegria para verem uma execução, nessa multidão de cabeças, que cobrirá a praça, haverá mais duma cabeça predestinada, que seguirá a minha, mais cedo ou mais tarde, na alcofa vermelha. Mais dum que aí virá por minha causa, virá depois por sua.

Para esses seres fatais há sobre um certo ponto da praça da Grève um lugar fatal, um centro de atração, uma armadilha. Andam à volta até que lá caem.

XLVI

Minha querida Maria! — Levaram-na para brincar; vai olhando para a multidão através da portinhola do trem e não pensa já neste *senhor*.

Talvez que ainda tenha tempo de escrever algumas páginas para ela, a fim de que as leia um dia e chore aos quinze anos por hoje.

Sim, é preciso que ela saiba por mim a minha história e porque razão é sanguinolento o nome, que eu lhe deixo.

XLVII

A MINHA HISTÓRIA

Nota do editor — Não se puderam encontrar as folhas, que se referiam à história. Talvez, como parecem indicar as que se seguem, o condenado não tivesse tido tempo de as escrever. Era já tarde quando esta ideia lhe veio.

XLVIII

Dum quarto da Câmara.

Da câmara!... — Aqui estou. O execrável trajeto está feito. A praça lá está e por debaixo da minha janela o horrível povo, que uiva e esperando por mim ri.

Eu não quis ser senhor de mim, a coragem faltou-me. Quando vi por sobre as cabeças esses dois braços vermelhos com o seu triângulo negro na ponta, levantados entre as duas lanternas do cais, perdi a coragem. Pedi para fazer uma última declaração. Puseram-me para aqui e foram procurar algum procurador do rei. Estou à sua espera e sempre é algum tempo de ganho.

Eis o que se passou.

Davam três horas, quando me vieram prevenir de que era tempo. Tremi, como se tivesse estado a pensar noutra coisa, há seis horas, seis semanas, seis meses. Isto fez-me o efeito de alguma coisa de inesperado.

Fizeram-me atravessar os corredores e descer as escadas. Puxaram-me para entre duas portinhas do rés-do-chão, para uma casa sombria, estreita e abobadada, onde a custo chegava a luz dum dia de chuva e de nevoeiro. Ao meio havia uma cadeira. Disseram-me para me assentar; sentei-me.

Havia junto da porta e ao longo das paredes algumas pessoas de pé; afora o padre e os gendarmes, havia também três homens.

O primeiro, o mais alto e o mais velho, era gordo e tinha o rosto corado. Trazia uma sobrecasaca e um chapéu de três bicos já disforme. Era ele.

Era o carrasco, o criado da guilhotina. Os dois outros eram os criados dele.

Mal me sentei, os dois outros aproximaram-se de mim, pelo lado de trás, como gatos; depois de repente senti um fio de aço nos cabelos e as tesoiras rangeram aos meus ouvidos.

Os meus cabelos, cortados ao acaso, caíam aos montes por sobre as minhas costas e o homem de chapéu de três bicos sacudia-os delicadamente com a sua grossa mão.

À volta falava-se em voz baixa.

Lá fora havia grande ruído, como um frémito, que ondulava pelo ar. Julguei ao princípio, que era a ribeira; mas pelos risos, que se ouviam, reconheci a multidão.

Um mancebo, junto da janela, que estava escrevendo com um lápis numa carteira, perguntou a um dos carcereiros, como se chamava o que se estava fazendo.

— A toilette do condenado, — respondeu ele.

Compreendi que isso viria amanhã no jornal.

De repente um dos criados tirou-me o casaco e o outro pegou-me nas duas mãos, que estavam caídas, e colocou-as atrás das costas e senti os nós duma corda roçarem lentamente à volta dos meus punhos unidos. Ao mesmo tempo o outro tirava-me a gravata. A minha camisa de cambraia, o único farrapo, que me restava do outro tempo, fê-lo hesitar por algum tempo; depois pôs-se a cortar o colarinho.

A esta horrível precaução, ao sobressalto, que o aço me produziu ao tocar-me o pescoço, os meus braços tremeram e deixei escapar um rugido abafado. A mão do executor tremeu.

— Perdão, senhor, — disse ele. — Fiz-lhe mal?

Estes carrascos são uns homens muito delicados.

Lá fora a multidão uivava mais alto.

O homem gordo, de rosto aburguesado, ofereceu-me um lenço molhado em vinagre para respirar.

— Muito obrigado, — lhe disse eu com a voz mais forte, que pude, — é inútil. Estou bem.

Então um deles baixou-se e ligou-me os pés por meio duma corda fina e macia, que me deixava dar passadas pequenas. Essa corda veio depois ligar-se à das mãos.

Então o homem gordo deitou-me o casaco pelas costas e atou-lhe as mangas por debaixo do meu queixo. O que havia para fazer, estava feito.

O padre aproximou-se com o crucifixo.

— Então, meu filho, — disse-me ele.

Os criados tomaram-me por debaixo dos braços. Levantei-me e pus-me a andar. Os meus passos eram frouxos e eu dobrava-me, como se tivesse dois joelhos em cada perna.

Neste momento a porta exterior abriu-se completamente. Um clamor furioso, o ar frio e a luz branca fizeram irrupção até mim, na sombra. Do fundo da sombria porta vi bruscamente ao mesmo tempo, através da chuva, mil cabeças ululantes do povo, amontoadas sobre a rampa da grande escada do Palácio; à direita, ao nível do solo, uma fila de gendarmes a cavalo, de que a porta baixa só me deixava descobrir as patas e os peitos; em frente um destacamento de soldados todos armados; à esquerda a traseira

duma carreta, à qual se apoiava uma escada tosca. Quadro horrível, bem emoldurado pela porta dum prisão!

Era para este momento terrível, que eu guardava toda a minha coragem. Dei três passos e apareci no limiar da porta.

— Lá está ele! Lá está ele! — gritou a multidão. — Vai enfim sair!

E os mais próximos de mim batiam as mãos. Por mais que um rei seja amado, fazem-lhe menos festa.

Era uma carreta ordinária com um cavalo ético e um cocheiro de blusa azul com riscos vermelhos, como as dos hortelãos dos arredores de Bicêtre.

O homem gordo de chapéu de três bicos foi o primeiro a subir.

— Bons dias, senhor Sansão! — gritavam os rapazes pendurados nas grades.

Um criado seguiu-o.

— Bravo, terça-feira! — gritaram de novo os rapazes.

Ambos eles se sentaram no banco da frente.

Era a minha vez. Subi com passo assaz firme.

— Vai bem! — disse uma mulher ao lado dos gendarmes.

Este atroz elogio deu-me coragem. O padre veio colocar-se junto de mim. Tinham-me sentado no banco de trás, com as costas voltadas para o cavalo. Estremeci com esta última atenção.

Em tudo se mostram humanitários.

Quis olhar à volta de mim. À frente gendarmes, atrás gendarmes; depois a multidão, multidão e só multidão, um mar de cabeças pela praça.

Um piquete de gendarmes a cavalo estava à minha espera à porta de grades do Palácio.

O oficial deu a ordem. A carreta e o seu cortejo pôs-se em movimento, como impelidos pelos uivos do populacho.

Passámos a grade. No momento em que a carreta voltou para a Pont-au-Change, a praça tremeu do barulho, do solo aos telhados das casas e as pontes e os cais responderam, semelhando um tremor de terra.

Foi aí que o piquete, que estava à espera, se juntou à escolta.

— Fora os chapéus! Fora os chapéus! — gritavam mil bocas ao mesmo tempo. — Como se fosse o rei.

Então ri horrivelmente também e disse para o padre:

— Eles os chapéus, eu a cabeça.

Avançava-se a passo.

O cais das Flores embalsamava o ar; era o dia do mercado. As vendedoras deixavam os ramos por minha causa.

Defronte, um pouco antes da torre quadrada, que forma a esquina do Palácio, há umas tabernas, cujas sobrelojas estavam cheias de espetadores felizes pelos seus belos lugares. Eram principalmente mulheres. O dia deve ser bom para os taberneiros.

Alugavam-se mesas, cadeiras, andaimes, carroças. Tudo vergava sob o peso dos espetadores. Negociantes de sangue humano gritavam em altos berros:

— Quem quer lugares?

Uma raiva se apossou de mim contra esse povo; tive vontade de lhes gritar:

— Quem quer o meu?

No entanto a carreta ia avançando. A cada passo, que dava, a multidão desfazia-se atrás dela e eu via-a com os olhos esgazeados, que ela se ia formar mais longe sobre outros pontos da minha passagem.

Ao entrar na Pont-au-Change, por acaso lancei os olhos para a direita. O meu olhar deteve-se no outro cais, por sobre as casas, numa torre negra, isolada, cheia de esculturas, no cimo da qual via dois monstros de pedra assentados de perfil. Não sei porquê perguntei ao padre que torre era essa.

— São Jacques-la-Boucherie, — respondeu o carrasco.

Ignoro, como isso era, mas na bruma e apesar da chuva fina e branca, que enchia o ar, como uma teia de fios de aranha, nada do que se passava à roda de mim, me escapava. Cada um desses pormenores me trazia a sua tortura. As palavras faltam às comoções.

No meio da Pont-au-Change, tão larga, mas tão cheia de gente, que caminhávamos com grande dificuldade, o horror apossou-se violentamente de mim. Receei desfalecer, última vaidade! Então aturdi-me a mim próprio para ser cego e surdo para tudo, exceto para o padre, de que mal ouvia as palavras entrecortadas de ruídos.

Peguei no crucifixo e beijei-o.

— Tende piedade de mim, ó meu Deus! — disse. E procurei abismar-me neste pensamento.

Mas cada balanço da dura carreta me sacudia. Depois de repente senti um grande frio. A chuva tinha-me atravessado o fato e molhava-me a pele da cabeça através dos cabelos curtos.

— Está a tremer de frio, meu filho? — perguntou-me o padre.

— Sim, — respondi eu.

Ai! Mas não era de frio.

Ao sair da ponte, as mulheres lamentaram-me por ser tão novo.

Entrámos no cais fatal. Começava já a não ver, nem a ouvir todas essas vozes, todas essas cabeças às janelas, às portas, às grades das lojas, nos braços dos candeeiros, esses espetadores ávidos e cruéis, essa multidão em que todos me conheciam e onde eu não conhecia ninguém, essa estrada cheia de rostos humanos... Eu estava bêbado, estúpido, insensato. É uma coisa insuportável o peso de tantos olhares fixos em nós.

Vacilava pois no banco, já não dando atenção ao padre e ao crucifixo.

No tumulto, que me envolvia, não distinguia os gritos de compaixão dos gritos de alegria, as risadas dos lamentos, as vozes do ruído; tudo isso era um rumor que ressoava na minha cabeça, como um eco de cobre.

Os meus olhos iam lendo maquinalmente os letreiros das lojas.

Um momento me tomou a estranha curiosidade de voltar a cabeça e olhar para onde caminhava. Era uma última bravata da inteligência. Mas o corpo não quis; a minha nuca ficou imóvel e já como morta.

Entrevi unicamente de lado, à minha esquerda, para lá do rio, a torre de Nossa Senhora, que vista assim, oculta a outra. É a torre

onde está a bandeira. Havia lá muita gente, que devia ver bem.

E a carreta avançava sempre; as lojas iam passando, os letreiros sucediam-se, escritos, pintados, dourados e o populacho ria-se, chapinhando na lama e eu deixava-me ir, como se fosse num sonho e estivesse dormindo.

De repente a sequência das lojas, que os meus olhos iam vendo, interrompeu-se à esquina numa praça; a voz da multidão tornou-se mais vasta, mais esganiçada, mais alegre ainda; a carreta parou subitamente e eu quase que caí com o rosto de encontro às tábuas. Foi o padre que me segurou.

— Coragem! — murmurou ele.

Então puseram uma escada na parte de trás da carreta; deram-me o braço, desci, dei um passo, depois voltei-me para dar outro e não pude. Entre dois candeeiros do cais, vira uma coisa sinistra.

Oh! Era a realidade!

Parei, como se estivesse já sob o cutelo.

— Tenho uma última declaração a fazer! — disse em voz fraca.

Trouxeram-me para aqui.

Pedi que me deixassem escrever as minhas últimas vontades. Desligaram-me as mãos, mas a corda está aqui e o resto está lá em baixo.

XLIX

Um juiz, um comissário, um magistrado, não sei de que espécie, acabam de chegar. Pedi-lhes o meu perdão, juntando as mãos e arrastando-me sobre os joelhos. Responderam-me, sorrindo fatalmente, se isso era tudo o que tinha para lhes dizer.

— O meu perdão! O meu perdão! — repeti eu, — ou por piedade, cinco minutos ainda!

Quem sabe? Talvez ele venha! É tão horrível morrer assim na minha idade! Já se viram perdões, que chegavam no último momento. E a quem concedem o perdão, senhor, se não for a mim?

Este execrável carrasco aproximou-se do juiz para lhe dizer que a execução devia ser feita a uma certa hora, que essa hora se vinha aproximando e que ele era o responsável, e demais a mais estava chovendo e que *aquilo* se arriscava a enferrujar-se.

— Por piedade! Um minuto para esperar o meu perdão! Ou defendo-me! Mordo!

O juiz e o carrasco saíram. Fiquei só... só com dois gendarmes.

Oh! O horrível povo com os seus gritos de hiena!

— Quem sabe se eu lhe escaparei? Se não estarei salvo? Se o meu perdão?... É impossível que me não perdoem!

Ah! Os miseráveis! Parece-me que sobem a escada...

QUATRO HORAS

[1] Nós não pretendemos encarar com o mesmo desdém tudo o que foi dito por essa ocasião na Câmara. Algumas belas e dignas palavras foram pronunciadas. Nós aplaudimos, como toda a gente, o discurso grave e simples do senhor Lafayette e num outro sentido o notável improvisado do senhor Villemain.

[2] La Porte diz vinte e dois, mas Aubery diz trinta e quatro. O senhor de Chalais até ao vigésimo quarto ainda estava vivo e gritava.

[3] O «parlamento» do Tahiti acaba de abolir a pena de morte.

[4] Julgámos nosso dever reimprimir aqui a espécie de prefácio em diálogo, que se vai ler, e que acompanhava a terceira edição do *Último dia de um condenado*. É preciso recordar, ao lê-la, no meio de que objeções políticas, morais e literárias foram publicadas as primeiras edições deste livro.

(Nota da edição de 1832).

[5] No dia seguinte uns passos atravessavam a floresta, enquanto um cão uivava, errando pela margem do rio; e quando a donzela lacrimosa se veio de novo sentar com o coração alarmado sobre a velha torre do castelo, a triste Isaura ouviu as ondas gemendo, mas não o mandolim do gentil trovador.

[6] Gentil Bernardo foi avisado por Pindoro e Citéra de que a Arte de Amar devia vir ceiar no sábado com a Arte de Agradar.

[7] O que tentava dizer, era verso.

[8] Foi na rua do Mail, que fui pilhado por três diabos da polícia, que se lançaram sobre mim. Puseram-me as algemas e assim me levaram. No meu caminho encontro um ladrão da minha rua. — Vai dizer a minha mulher que fui engavetado. Minha mulher encolerizada, disse-me: — O que fizeste? — Matei um homem e roubei-lhe o dinheiro, o relógio e as fivelas de prata.

Minha mulher parte para Versailles, e lança-se aos pés do rei com um memorial para me mandar soltar.

Se me vejo na rua, recompensarei minha mulher; dar-lhe-ei bons vestidos e sapatos bordados. Mas o rei zanga-se e diz: — Pelo meu chapéu, que hei de fazê-lo dançar uma dança de que não tenha de se rir.

[9] Pé de rei: Medida francesa de doze polegadas.

[10] Charenton era um hospital de doidos.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: *O último dia de um condenado.*

TÍTULO ORIGINAL: *Le Dernier Jour d'un condamné.*

AUTOR: Victor Hugo.

CAPA: © 2012, (zero papel), baseada numa ilustração de Gustave Doré.

EDIÇÃO DIGITAL:

© (zero papel), novembro de 2012, baseada na edição de Paris, 1881.

Texto em conformidade com o acordo ortográfico da língua portuguesa de 16 de dezembro de 1990.

Índice

[Prefácio](#)

[O último dia de um condenado](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[XII](#)

[XIII](#)

[XIV](#)

[XV](#)

[XVI](#)

[XVII](#)

[XVIII](#)

[XIX](#)

[XX](#)

[XXI](#)

[XXII](#)

[XXIII](#)

[XXIV](#)

[XXV](#)

[XXVI](#)

[XXVII](#)

[XXVIII](#)

[XXIX](#)

[XXX](#)

[XXXI](#)

[XXXII](#)

XXXIII

XXXIV

XXXV

XXXVI

XXXVII

XXXVIII

XXXIX

XL

XLI

XLII

XLIII

XLIV

XLV

XLVI

XLVII A MINHA HISTÓRIA

XLVIII

XLIX